

ESCRITOS DA EMPATIA

Afonso Fonseca, psicólogo

Casa de Gestalt

INDICE (ctrl + título do ensaio)

CARL ROGERS, O PATÉTICO. EMPATÉTICO, PERIPATÉTICO	3
<i>A COMPREENSÃO É EMPÁTICA. A EMPATIA É COMPREENSIVA. (Aliás, Compreensão Empática é uma redundância...)</i>	10
<i>INTUIÇÃO. Considerações sobre a intuição</i>	17
EMPIRISMO & EMPIRISMO	19
<i>CONHECER. Pré-Compreensão, Compreensão, Intuição da ação, do episódio existencial.</i>	22
CONSCIÊNCIA E VIVÊNCIA	26
VIVÊNCIA	27
INTERPRETAÇÃO. COMPREENSÃO E EXPLICAÇÃO	31
COMPREENSÃO E PERCEPÇÃO. COMPREENSÃO E EXPLICAÇÃO.	33
"PRÉ-COMPREENSÃO", E O FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL	36
COMPREENDER. VERBO INTRANSITIVO	39
IMPLICAÇÃO, GESTALTIFICAÇÃO, COMPREENSÃO	41
<i>EXISTÊNCIA EMOÇÃO E MÉTODO. nas psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais. A EMOÇÃO É O MÉTODO</i>	44
<i>ESTÉTICA DA EMOÇÃO. EMOÇÃO DA ESTÉTICA. E o trabalho em psicologia fenomenológico existencial dialógica</i>	47
<i>OBJETIVO, SUBJETIVO. TRANSJETIVO. Corpo e consciência, na interinidade da momentaneidade instantânea do episódio existencial da ação.</i>	49
POR UMA PSICOLOGIA DA TRANSJETIVIDADE	52
CONSIDERAÇÕES SOBRE TRANSJETIVIDADE	54
<i>TRANSJETIVIDADE 2. O que se dá durante a duração do modo de sermos da 'transjetividade'?</i>	56
TRANSJETIVIDADE, O INSPECTADOR.	58
JETO, DEJETOS E TRANSJETIVIDADE	60
CONCEITUAÇÃO. O TEMPO, O CONCEITO, E O PRECONCEITO. O conceito e o Tempo.	63
A EMPATIA É A COMPAIXÃO	75
GESTALT E EMPATIA	79
VOCÊ PODE EMPATIZAR COM UMA PEDRA...	81

CARL ROGERS, O PATÉTICO. EMPATÉTICO, PERIPATÉTICO

Creio que é muito necessário, e até urgente, e fundamental, compreender e definir o sentido do *logos* metódico do modelo de Carl Rogers, como eminentemente *patético*.

Creio que ele, Carl Rogers, muito apreciaria ser desta forma entendido.

Na verdade, creio que, pela compreensão de uma *patética*, podemos compreender o sentido essencial do *logos metódico* do seu modelo epistemológica, e ontologicamente compreensivo; de esclarecê-lo, e desdobrá-lo.

De resto, o que não é pouco, estaremos compreendendo iguais qualidades da psicologia e da psicoterapia fenomenológico existencial.

Por certo, eu não utilizaria termos possivelmente chocantes, para o senso comum, se não estivesse convencido do profundo interesse, neste sentido, de sua utilização.

Empátia é a vivência do pathos. A vivência ontológica. A vivência da sensibilidade emocionada.

Naturalmente, alguma *operação de limpeza*, e de esclarecimento, precisa ser feita, acerca destes termos; antes de prosseguirmos no argumento. Limpeza, certamente.

Porque nenhuma palavra, talvez, tenha sido tão pesadamente torcida e distorcida, difamada e degradada, quanto à palavra *pathos*. Na cultura contemporânea, o termo *pathos* lembra a condição de um rei destronado, em desgraça.

Pathos, na verdade, expressa o *modo de sermos* no qual vigoram, em seus plenos e efetivos poderes -- eminentemente ativos --, o afetivo, a emoção, o corpo, o sentido, os sentidos; o *vivencial*, no sentido da vida vivida em sua imediaticidade.

Pré-conceitual, pré-reflexiva, não teórica, não prática, inobjetiva, não técnica, não comportamental, *poiética*. É o modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial. Caracteriza o que Buber chamou de *modo eu-tu de sermos*; a dimensão de ser que Dilthey caracterizou como *vivência*.

Ou seja, esse modo de sermos da 'vida vivida em sua imediaticidade apascente', existencialmente fenomenal, ativa e criativa, potente de possível.

Modo diverso do modo ôntico de sermos no qual vigoram a mediação do conceitual, da teoria, da moral, do científico, do técnico, do prático, do comportamento, da memória, da história.

Esse modo *pático* de sermos, que, nas suas tonalidades de embriagues, mais se configura como um *drible de corpo na consciência*.

Do que plena e lúcida consciência.

Dionisiacamente, sempre, mais uma *tomada de inconsciência*, do que uma *tomada de consciência*.

Este modo de sermos, fundamental, imprescindível, ontológico e ontogênico. No qual *subcompreendemos*, propriamente, vivemos em sua qualidade própria, o *possível*, a *possibilidade*.

E acolhemos e acalentamos a sua potencialização, o seu desdobramento, e *ato ação*. Este modo de sermos que é prerrogativa ontológica nossa de mergulho no *Ser*, na potência, no eterno retorno da força.

Existencialmente, momento de uma *ins-pir-ação*.

Meramente porque nele, e só nele, o possível, a possibilidade da superação, que qualificam o humano, são possíveis, e se desdobram.

Estas são qualidades do *pathos*, enquanto modo humano de ser. E o sentido de uma ética, um modo de proceder, que o privilegia. O sentido de uma *pathética*. *Path Ética*. Ou seja, de uma ética que privilegia as qualidades de um *modo páthico de ser*.

Pois bem. Na medida em que o corpo foi desqualificado, no decorrer do desenvolvimento socrático-platônico da civilização ocidental; na medida em que o possível e a força, a potência, foram abominados; o *pathos*, que é corpo ativo, e morada, e agência, do possível; a dimensão do possível que constitui o nosso ser, e de sua atualização; o *pathos* foi, igual, e concomitantemente, abominado.

A palavra (*pathos*), o conceito, este modo de sermos, foram virulentamente assacados, massacrados, torcidos e distorcidos, difamados, degenerados... Até representarem, e intensa e predominantemente conotarem, o sentido de doença, na concepção de *patologia* Ou de "doença" mental, em sua mais soturna apropriação pelo ressentimento, na expressão *psicopatologia**...

Foi necessário o Humanismo da filosofia européia do Século XIX, na sua volta ao Renascimento e à antiguidade grega; foi necessário Nietzsche, e a Fenomenologia, para resgatar o sentido e o valor do corpo, do vivencial, e dos sentidos. Para resgatar o valor do *pathos*, e de uma *path-ética*. Para que se pudesse afirmar e resgatar o *pathos*, o modo de ser da vivência pática, como um valor.

Até que se pudesse entender que este modo *pático* de ser faz parte de nosso ser, faz parte de nossa saúde, e é, não só, a fonte desta saúde, como a

fonte de nosso ser. Fonte seminal de geração e regeneração de nós mesmos, e do mundo que nos diz respeito. A fonte da ação, e da existência Os quais podemos criar e recriar, gerar e regenerar, na medida em que aceitamos e integramos, em que afirmamos, em que vivenciamos -- na sua propriedade -- o nosso modo *páthico* de ser.

Que, de resto, só pode ser extinto muito depois que estivermos, nós mesmos, extintos.

Isto por um motivo muito simples, e comum a todos nós: somos seres do possível, e é especificamente nesse modo *páthico* de sermos que o possível é possível, e se desdobra.

Na verdade, é a restrição, em nossa vida, desse modo *páthico*, o seu sufocamento -- na reiteração excludente dos ditames e limites da hegemonia da consciência lúcida, calculativa, asséptica, repetitiva, medíocre, obsessiva --, a restrição e sufocamento do *páthico* na hegemonia do limite, do individual e da individualidade, que é a base para o que metaforicamente podemos chamar de "doença", num sentido existencial, e para todos os distúrbios somáticos que podem daí decorrer.

Patéticos sempre houve.

Aqueles que entendiam a loucura da interdição de nosso modo *páthico* de sermos. Imolado no altar da vontade de abstração, da racionalidade conceitual, da abstração do corpo e dos sentidos da vida vivida em sua imediaticidade. Vontade que mal se escondia, e se esconde, como má vontade para com tudo que é vivo, e que de vida palpita.

Patéticos que assumiram uma *ética do pathos*. Ou seja, um modo de ser e proceder que não exclui a afirmação do *pathos* do *páthico*.

Que na verdade o privilegia, como modo ontológico de sermos.

Os pré-socráticos, que privilegiavam o corpo, o vivencial, e os sentidos, assumiam uma perspectiva de privilegiamento do *pathos*. A escola filosófica de Aristóteles ficou conhecida como escola dos *peripatéticos*.

Normalmente, quando se indaga o que significa termo *peripatético*, responde-se, apressada e sumariamente, que ele designa o fato de que os filósofos desta escola *filosofavam andando*. Filósofos que filosofavam *no pátio*. Ao ar livre. Daí, diz-se, este termo como designação (!?).

Esta "explicação" sumária deixa de fora o sentido maior.

De que, à medida que se caminha, a abstração mental, a mente reflexiva, conceitual e calculativa, cede progressivamente lugar ao modo de ser de uma vivência *pática*. A mente reflexiva cede lugar a uma acentuação do *pathos*. De modo que o que os filósofos *peri-path-éticos* buscavam -- não o ar livre e a caminhada. Era esta acentuação do *pathos*; e a *filosofação*, a partir desta vivência acentuada do *pathos*.

Patéticos, então, na medida em que assumiam uma ética, um modo de proceder, que privilegiava o *pathos*, a *vivência páthica*, enquanto método de filosofiação.

Mais que isso, *peri path éticos*.

Na medida em que não apenas privilegiavam a vivência *páthica*, como método, mas assumiam uma atitude ativa de afirmação, e ativo mergulho, no modo *pático* de sermos, como estilo de filosofiação. Uma querência pelo risco e pela tentativa *poiética* de atualização de seus possíveis.

Daí, também, o sentido fenomenológico existencial de *ex-peri-mentação*.

Aristóteles, seus colegas e discípulos, eram, assim, *peripatéticos*.

E propriamente pode-se, assim, dizer que fizeram escola.

Não só *patéticos*, como (ex)*peripatéticos*, o foram também, dentre outros, Brentano, Nietzsche, o Expressionismo e os expressionistas, os fenomenólogos...

De modo que, quando descobriram como método, não só a *path ética*; mas, em específico, a *peri path ética* -- como modo privilegiado de ser, para o terapeuta e para o cliente --, os psicoterapeutas fenomenológico existenciais, como Carl Rogers, e F. Perls, não só não estavam sendo exatamente originais, como estavam em muito boa companhia...

Começou lentamente, com a qualitativa contribuição de C. G. Jung e de Otto Rank, e Sandor Ferenczi, no campo da psicoterapia. Que entenderam que a psicoterapia não tinha a ver com o tecnicismo, inerente a um modelo objetivista, o modelo médico, em particular, que preconizava a intervenção de um sujeito, o psicoterapeuta, sobre um objeto, paciente.

Evoluiu com as mudanças paradigmáticas dos psicoterapeutas fenomenológico existenciais europeus, como M. Boss e L. Binswanger, e os psicoterapeutas relacionais -- que enfatizavam a imediaticidade da relação inter humana, como elemento fundamental do processo terapêutico. Até desaguar nos modelos, *peripatéticos*, das abordagens de Carl Rogers e de Fritz Perls.

Ambos preconizando, e buscando criar condições para o, *patético* mergulho *ex-peri-mental* do cliente. Mergulho efetivamente *peripatético*, como recurso fundamental do *logos* metódico de seus modelos.

Concomitantemente, vale observar que, a preconização de uma vivência *peripatética* para o cliente, a partir dos vetores de sua atualidade e atualização existenciais -- e não de uma experiência moralista, científica, técnica ou teorizante) --, como recurso fundamental de método psicoterapêutico e psicológico, é acompanhada por igual prescrição de disposição metodológica para o terapeuta.

Uma disposição fenomenológico existencial experimental, *peripathética*, como disposição metodológica hábil a facilitar e a potencializar a vivência e desdobramento da vivência do cliente.

Não podemos dizer que Carl Rogers tivesse, ao tempo de sua morte, uma articulação teórica, ou consciência plenas, do alcance de suas intuições peripatéticas. Mas podemos certamente dizer que é ele que vai mais longe na preconização, e na prática, da vivência *peripatética*, como logos metódico de uma abordagem de psicologia e de psicoterapia.

Muito particularmente, em especial, porque ninguém, certamente, como Rogers, percebeu, e amplamente exercitou, de um modo preponderantemente empírico, o poder da vivência do *pathos*, o poder de propiciamento *peripático* do grupo -- como ambiência terapêutica, de trabalho psicológico e de crescimento humano.

A vivência do processo grupal, e de seus desdobramentos vivenciais, como ambiência propícia para a vivência *peripatética*, e suas implicações, como modo de ser no âmbito dialógico, no qual o possível é possível, e se desdobra.

Se podemos dizer que Rogers não tinha uma consciência plena, e, em particular, uma articulação teórica cabal, do alcance de suas intuições, não podemos deixar de ressaltar que, desde o início, suas intuições eram neste sentido distintas.

O que se configura muito claramente a partir do momento em que ele passa a falar de *empatia -em-pathia*.

E que *Empatia*, especificamente, significa “dentro do *pathos*”.

Como formulador de uma abordagem de psicologia e de psicoterapia, Rogers opera um verdadeiro *strip-tease* de concepção e método, em direção a uma preconização da vivência *pática* como ambiência e recurso psicoterapêutico. Preconização amplamente protagonizada experimental e empiricamente por ele próprio, seja ao nível da vivência da prática da psicoterapia individual, seja ao nível da vivência grupal.

Rogers vai abrindo mão, enquanto psicólogo, enquanto psicoterapeuta, e enquanto facilitador de grupo -- e libertando o cliente --, de uma concepção e de uma prática técnicas, de uma concepção e de uma prática científicas, de uma concepção e de uma prática moralistas, de uma concepção e de uma prática realistas. Como característica de prática e de concepção de si próprio enquanto psicólogo, psicoterapeuta, e enquanto facilitador de grupo.

Rogers vai abrindo mão de um desempenho moralista, de um desempenho técnico, de um desempenho reflexivo, de um desempenho científico, ou cientificamente assentado, e mesmo desempenho prático, em direção ao privilegiamento de uma vivência *pática*, de uma *path-ética*, *em-pathética*, na verdade *peripathética*. Nem teoria, nem prática, na verdade uma *poiética*.

Não é outro o reconhecimento que ele faz do valor de saúde no exercício da *liberdade experiencial*, da *avaliação organísmica da experiência*. De resto, já preconizadas por F. Nietzsche.

Rogers evoluiu decidida e alegremente no sentido de um modelo que se esmerava em criar condições para que o cliente pudesse dar-se aos influxos de sua experiência organísmica, aos influxos dos poderes de sua atualização e avaliação organísmicas, no âmbito de uma vivência *páthica*.

Isto é o que podemos entender como uma *patética. Peripathética*.

O Rogers que encontramos na segunda metade da década de setenta, até o final de sua vida, é um Rogers imerso no privilegiamento da vivência peripatética no contexto da vivência grupal.

Evidentemente, que existe em Rogers uma consideração substancial sobre o método do terapeuta, sobre o seu modo de ser e de proceder, na criação das condições para que a vivência *páthica* do cliente possa ser privilegiada.

E, na verdade, o que Rogers propõe, no essencial, como modo de ser do terapeuta, e do facilitador de grupos, é o modo de ser da vivência *páthica, empáhtica*.

Rogers propõe, em essência, um terapeuta, um facilitador de grupos, *empáticos*.

Que privilegiem se situar, nos melhores momentos de vivência de seu *logos* metódico, dentro de sua vivência *páthica*. Como modo de ser do terapeuta e do facilitador de grupo. Modo de ser este que pode potencializar a vivência *páthica* do cliente, e dos membros do grupo. O modo próprio à atualização de seus possíveis.

Patético, Empatético, Peripatético, é o modo de ser privilegiado pelo terapeuta, e pelo facilitador de grupos, que adotam o modelo rogeriano, seguindo o caráter, e o estilo, *patético, Empatético e peripatético* de seu preconizador.

Foi ousado, muito ousado, Carl Rogers, abrindo mão dos sisudos referenciais da ciência de antanho, dos poderes, e pseudo poderes, que esta faculta. Poderes que permitem a postura técnica, a postura teorizante, a postura moralista. E mesmo, e em especial, os valores da prática -- , mesmo sem ver claramente o outro lado da travessia.

Hoje, podemos, claramente, entender que a ciência, o científico, o técnico, o teórico, o prático, o moralista, não dão conta da laboração ao nível do existencial, não dão conta da existência, na projetatividade do possível, e da possibilitação a ela imanentes.

Numa imagem ainda insuficiente, podemos dizer que a relação da ciência com a existência é análoga ao pegar em pétalas com luvas de siderúrgica. O técnico constitui-se como uma acentuação, ainda, da discrepância. Na medida em que se configura como aplicação do conhecimento científico.

Rogers entendeu isto claramente.

E, ainda que não o tivesse articulado teoricamente, fez os movimentos decisivos para definir e constituir a prática da psicologia, da psicoterapia, da facilitação de grupos, no âmbito própria e especificamente da hermenêutica fenomenológico existencial.

Diante das insuficiências, e inespecificidades, da ciência, da técnica e do moralismo; em relação à existência, e ao processo de sua atualização.

Limitações e insuficiências na articulação teórica, ainda que carentes de superação, não impediram Rogers, não obstante, de experimentar amplamente, ao nível da prática empírica, o modo de privilegiamento do *pathos*, a *patética*, a *peripatética*, a ética, como modo de procedimento, de uma hermenêutica fenomenológico existencial, no âmbito da psicologia, da psicoterapia e da facilitação de grupos.

Em particular porque este modo de procedimento é o modo próprio, e hábil, para que, experimentalmente, se possa engendrar respostas para questões sobre “o que é que esta pessoa pode?” “O que é que pode este grupo?” “O que podem os seus participantes?” “O que posso eu...”

Na medida em que descobrimos e redescobrimos que é ao modo de ser de uma *ex peri path ética* que o *possível* -- que nossa atualidade existencial reivindica, solicita, ou desesperadamente demanda – que o possível é efetivamente possível, e se desdobra. Possibilita-se.

Temos a se descortinar, diante de nós, os primórdios e toda uma história possível. Teórica e prática, teórica e empírica, *poiética*, empírica. Da psicologia, da psicoterapia, e da facilitação de grupos, pertinente a um paradigma *peripatético*. Um paradigma fenomenológico existencial hermenêutico.

E temos a saudar, efetivamente, um grande e sincero pioneiro, com suas ousadas experimentações.

O Dr. Carl R. Rogers, um membro distinto da “confraria” dos *patéticos*, *empatéticos*, *peripatéticos*...

ctrl
índice

* Na verdade, aí, um predomínio do sentido latino do termo, de *sofrente*, *paciente*, que amálgama ao sentido grego original.

A COMPREENSÃO É EMPÁTICA. A EMPATIA É COMPREENSIVA. (Aliás, *Compreensão Empática* é uma redundância...)

O que caracteriza as abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e psicoterapia -- notadamente a Gestalt, e a Abordagem Rogeriana --, é que -- privilegiando o modo fenomenológico existencial dialógico, hermenêutico, poiético, estético, e experimental, de sermos -- elas, em específico, própria e especificamente, privilegiam **o modo *compreensivo de sermos*** -- em sua concepção, metodologia, e vivência.

Isto representa, do ponto de vista epistemológico, e ontológico, um agudo corte. Radical (de *raiz*), definitivo, e definidor.

Ao privilegiarem, em sua concepção, metodologia, e vivência, o modo compreensivo de sermos; ao privilegiarem uma concepção e uma metodologia *compreensivas*, as abordagens fenomenológico existenciais não privilegiam o modo *explicativo* de sermos.

Quer ele se dê sob a forma teórica, ou comportamental.

A concepção, a metodologia, a vivência, das abordagens fenomenológico existenciais privilegiam a *implicação*, e a *intencionalidade*. Que são próprias e específicas do modo compreensivo de sermos.

Isto, em específico, quer dizer que, por privilegiarem a *implicação*, e não a *explicação*, elas não são *teorizantes*, em sua concepção e vivência metodológica.

O que quer dizer que -- não são explicativas, não são teorizantes.

Implicativas-- elas não são científicas.

A não ser que falemos do âmago de uma *ciência compreensiva*. Que falemos do âmago de uma ciência própria e especificamente *estética*. Já entendida por Nietzsche como a *gaya scienza*...

Aí chegados, ainda teríamos que considerar qual o interesse de reduzir uma arte ao estatuto científico...

Dito isto, dizemos que as abordagens fenomenológico existenciais, igualmente, não são moralistas.

Da mesma forma, fundadas numa concepção e metodologia compreensivas, as abordagens fenomenológico existenciais não são, por isso,

técnicas. Mas *hermenêuticas* e *experimentais*. No sentido fenomenológico existencial.

Da mesma forma que não são práticas.

Nem teoréticas, nem moralistas, nem técnicas; nem práticas, as abordagens fenomenológico existenciais são, própria e especificamente, *poiéticas*.

Pelo seu caráter de privilegiamento do modo criativo de sermos, que é o modo de sermos da ação: da vivência, e da vivência da atualização de possibilidades: o modo compreensivo de sermos.

Fenomenológico existencial, dialógico, estético, poiético, hermenêutico, e, assim, experimental.

Pela sua própria característica -- todo ele, ação, de ser todo ele atualização de possibilidades -- este modo compreensivo de sermos, que é o modo sensível de sermos, é todo ele, também, movimento, movimentação. *Moção, e-moção, emoção*.

Ou seja, ao mesmo tempo em que é o modo sensível de sermos, o modo compreensivo de sermos, é o modo de sermos impregnado pela *emoção*. É o modo de sermos que contém a *emoção*. De tal forma, que é o modo de sermos de nossa sensibilidade emocionada.

A esta característica de *sensibilidade emocionada, do modo compreensivo de sermos*, é que alude o sentido do termo, e da concepção, de *Empatia*.

Compreensão e *Empatia* são, assim, dois aspectos intrínsecos e necessários do mesmo processo da vivência fenomenológico existencial e dialógica -- vivência experimental, implicativa, intensional, hermenêutica, e poiética.

De um modo tal, que toda *Empatia* é, própria e especificamente, *Compreensiva*.

Da mesma forma que toda *Compreensão* é, própria e especificamente, *Empática*.

Referindo-se os termos respectivamente a aspectos diferentes de um mesmo processo fenomenológico existencial, dialógico, hermenêutico, poiético, e experimental, neste sentido fenomenológico existencial.

O termo *Compreensão* se refere à constituição, como *sentido* --como consciência, pré-reflexiva, e pré-conceitual -- da vivência fenomenológico existencial.

Da vivência que é, intrínseca, e caracteristicamente, vivência de possibilidade; e vivência do processamento do desdobramento de possibilidade: **a ação**.

Em sua constituição e desdobramento, as possibilidades são *apreendida* como **sentido** (*logos, fenômeno-logos, dia-logos*). Como consciência, pré-conceitual e pré-reflexiva.

Isto é, a **apreensão da cum-(a)preensão**, *cum-a-apreensão cognitiva* da possibilidade. **Cum-preensão, Cumpreensão, Compreensão**.

Que se dá e desdobra no dito modo de sermos da consciência pré-reflexiva, pré-conceitual, fenomenológico existencial, dialógico. Hermenêutico, poético; experimental, intensional, e *implicativo*.

O termo **Compreensão** refere-se, assim, à constituição como *consciência – consciência* pré-conceitual e pré-reflexiva, fenomenológico existencial, dialógica, hermenêutica, e experimental.

Da vivência de possibilidades. Da *ação*, atualização -- que é, especificamente, o desdobramento -- compreensivo, intensional, e implicativo --, de possibilidades em sua vivência.

Processo que, assim, é *implicativo, e não explicativo: própria e especificamente, não teórico. E não comportamental*.

Na verdade, *pré-teórico, e pré-comportamental*.

No modo fenomenológico existencial de sermos, própria e especificamente, vivenciamos *possibilidades*.

O próprio às *possibilidades*, em sua vivência, em seu *acontecer* é que elas se *desdobrem*.

Já que, em sua vivência intensional, as *possibilidades* são *forças, forças plásticas, potências*.

Que, na vivência de seu *acontecer* – criativo, forma-ativo – per-formativamente se configuram em *formas*. *Formas* da vivência. *Formas*, sempre, *compreensivas* – na vivência de seu *acontecer*, e de constituição e intalação das coisas.

Mas, estritamente *compreensivas*, ou *compreensivas e musculares*, no seu desdobramento. Ou como as formas objetivadas do mundo e da vida *acontecidos*.

Em específico, é este desdobramento, configura-se, e se constitui, em si, como performática, como a dramática da **Ação**, da **atualização**.

Sua vivência e o seu resultado é o que entendemos como *poiese das coisas*.

Todo este processamento se constitui como *vivência de sentido*, como **logos**. *Dia-logos, fenômeno-logos, epistemo-logos, onto-logos*.

Constui-se, assim, como consciência fenomenológica e existencial, pré-reflexiva, pré-conceitual, *pré-ente* (pré-coisa), *presente*. O *aqui e agora*.

Própria, e especificamente, assim, é esta constituição da possibilidade, e da ação, cognitivamente, como *logos*, como consciência fenomenológica, e existencial, que constitui o que chamamos de *cum-preensão – Compreensão*. O *modo compreensivo de sermos*.

Que é o modo fenomenológico existencial, dialógico, hermenêutico, poiético e experimental de sermos.

Este modo de sermos fenomenológico existencial dialógico, hermenêutico e experimental, é o modo de sermos *estésico*, o modo *Estético* de sermos.

O termo *estésico* igualmente menciona a característica impregnação de possibilidades, e de ação, que é própria a este modo ontológico de sermos.

E, propriamente, foi entendido pelos Gregos como *estéticos*, o *modo de sermos da sensibilidade*.

Pela própria característica da vivência, como vivência do desdobramento da possibilidade, da ação, este modo de sermos *da sensibilidade emocionada*, o modo *Compreensivo* de sermos -- fenomenológico existencial, dialógico, hermenêutico e experimental --, é, própria e especificamente, vivência de *movimento*. Moção. Movimentação.

E, *movente*, É *moção*, **emoção**. *Motivação*, O *modo emocionado e motivado de sermos*.

Ou, seja, pela própria vivência de possibilidade, e da ação, que se constitui como *compreensão*, o modo *compreensivo de sermos* é, igual, e intrinsecamente marcado, pela *emoção*.

Assim, o modo de sermos de nossa sensibilidade emocionada, e motivada, o modo de sermos *compreensivo* -- fenomenológico existencial, dialógico, hermenêutico e experimental --, é o modo **movente** de sermos, o modo *co-movente* de sermos. O *compreensivo* modo de sermos é, igualmente, portanto, o modo de sermos da **emoção**, o *modo de sermos de nossa sensibilidade emocionada*.

Além de pré-reflexivo, e pré-conceitual, este modo de sermos é não, teórico, não prático, não comportamental. Despropositual, não causal, não útil (não prático, ou pragmático).

Os Gregos designaram como *Pathos*, como *Páthico*, este modo *compreensivo* de sermos -- o *poiético*, modo **compreensivo** de sermos, da vivência de possibilidade, e da vivência ativa. Modo de sermos *da emoção*, modo de sermos da sensibilidade *emocionada* (no sentido de que contém a emoção).

O modo *compreensivo* de sermos, que contém a emoção, -- e que, fenomenológico existencial, dialógico, hermenêutico e experimental --, constitui, e configura a *poiesis emocionada* de nossa existência, e da existência do mundo que nos diz respeito.

O *Pathos*, o modo *páthico* de sermos.

O modo *Empáthico* (de *dentro do pathos*) de sermos.

Vale, particularmente, observar que este sentido de *Pathos* é o sentido Grego original.

Do qual diverge o sentido Latino do termo. Sentido Latino no qual o conceito de *Pathos* ficou marcado pela acepção de *excesso*, ou de *descontrole de emoção excessiva*; de sofrimento, de doença.

Este sentido de *pathos* é o normalmente adotado pela cínica, na civilização ocidental.

O sentido Grego original do termo é o de *modo compreensivo e poiético de sermos da sensibilidade emocionada*. Modo de sermos da sensibilidade.

O termo *Patológico*, por exemplo, tem um sentido completamente diferente na sua acepção Grega original, e na sua acepção Latina subsequente. Um, o sentido grego, no limite, ligado à *sensibilidade compreensiva, poiética, e emocionada*. O outro, o latino, ligado, no limite a exagero, de emoção, ou a doença. Este sentido Latino derivado do sentido Grego original é o que prevalece na cultura da civilização ocidental.

O termo, e a concepção, de *Empatia* (*dentro do pathos*) derivam deste sentido Grego original do termo *pathos*.

É desse sentido Grego original de *pathos* que surge a concepção, e o termo, *Empathia*, como designativo da vivência do modo compreensivo e *poiético* de sermos de nossa sensibilidade emocionada. Ou seja, como designativo da vivência do modo de sermos de nossa sensibilidade estética, *poiética*, fenomenológico existencial, e dialógica, hermenêutica e experimental, neste sentido.

O modo de sermos que é própria, e especificamente, *compreensivo* que é, própria e especificamente, *compreensão*. A vivência fenomenológico existencial sensível, estética, e poiética, que é a vivência de possibilidades, e da dramática da ação -- como desdobramento de possibilidades --, e que se constitui como consciência, fenomenológico existencial.

A vivência páthica, empáthica, de nossa sensibilidade emocionada, é, assim, própria e eminentemente, especificamente, compreensiva.

O termo *Empatia* enfatiza este aspecto de *sensibilidade emocionada -- movida, e-movida, e-mocionada*. Em sua form-ação, *per-form-ação*, pela potência plástica da vivência do possível, da vivência da emoção -- na *vivência que é, própria e eminentemente, compreensiva*.

De modo, que **toda compreensão é empática; e toda empatia é compreensiva.**

Na medida, em particular, que a **vivência eminentemente compreensiva de possibilidade, e do seu desdobramento, na ação, fenomenológico existencial, dialógica, hermenêutica e experimental**, é, própria e especificamente, intrinsecamente, *movente –moção, co-moção, emoção*. *Empática.*

Empatética, pathética, peripathética.

Assim, a vivência *páthica* se constitui, e se configura, como sentido. Como consciência pré-reflexiva, fenomenal – como compreensão --, especificamente, pela força plástica, potência, característica da possibilidade, e de sua *atualização*: do seu desdobramento, como força plástica, criativa.

A compreensão, como movimento da atualização de possibilidade, é, própria e especificamente, *movente, (e)mov-ente, e-moção*, portanto.

A *compreensão*, o modo de sermos da compreensão, assim, é, própria e especificamente, *páthico, empático.*

De modo que não é pertinente afirmar que *Compreensão* e *Empatia* são essencialmente diferentes...

Compreensão e *empatia* são aspectos descritivos do mesmo processo da vivência em nossa sensibilidade emocionada, fenomenológico existencial e dialógica – experimental, hermenêutica, e poiética. *Compreensiva, e empática.*

Toda empatia é compreensiva, toda compreensão é empática.

Fundamental, também, entender que, e como, a *vivência fenomenológico existencial, compreensiva e empática* é, própria e eminentemente, *dialógica.*

Ao modo dialógico de sermos -- próprio à vivência fenomenológico existencial, compreensiva, e empática -- não nos damos, ou nos desdobramos, numa relação sujeito objeto.

Mas sim, vivencialmente – na vivência que é vivência da dinâmica inter-ativa de uma relação eu-tu. E não a dicotomização sujeito-objeto que é própria aos modos não vivenciais, e não dialógicos, de sermos. A explicação; a teórica e o comportamento.

A dialógica interhumana, que é eminentemente vivencial – da mesma forma que a dialógica com a natureza não humana, e a dialógica com o sagrado --, a vivência, se caracteriza como o *compartilhamento* eu-tu da performática compreensiva, de produção de sentido. À partir da vivência e atualização *compartilhada* de possibilidades.

Há um compartilhamento compreensivo, e empático, que não é objetivo – nem subjetivo – mas *dia-lógico*.

Assim, no modo de sermos da compreensão, e da empatia, não somos *sujeitos*, nem o outro é *objeto*. O outro é pontualmente um *tu*, e, pontualmente, somos o polo *eu* da dialógica pontualmente inter-ativa de uma relação eu-tu.

Inter-ação e desdobramento vivenciais de possibilidades, que se constituem específica e eminentemente como *cognição pré-reflexiva, e pré-conceitual, pontualmente compartilhada*.

Como desdobramento criativo (poiético) de sentido, de logos, compreensivos e empáticos, enquanto tais.

Em sua dialógica, e diapoietica (criação, e sentido, compartilhados) fenomenológico existenciais, pré-reflexivos e pré-conceituais.

BIBLIOGRAFIA.

BUBER, Martin. Eu e Tu.

ctrl
índice

INTUIÇÃO.

Considerações sobre a intuição

Em Fenomenologia, o termo *intuição* tem um sentido forte, e refinado.

Chamam-na, os fenomenólogos, de *intuição originária da vivência de consciência*.

A intuição fenomenológica é basicamente a compreensão.

O termo remete à ausência de mediação da cognição teórica.

Remete ao empirismo vivencial, não objetivista, fenomenológico existencial. À cognição, inerente ao modo fenomenológico existencial, ontológico, de sermos. A compreensão.

Um modo de sermos em que não existe sujeito, e objeto, e sua dicotomia.

A intuição é, assim, o aspecto cognitivo do episódio da ação. O aspecto cognitivo do fenômeno do episódio da existência..

Aspecto cognitivo que é sentido, que é *logos*..

O logos do fenômeno. Fenomeno-logia. O sentido do fenômeno.

O termo remete, assim, à vivência. Que é compreensão.

Enquanto tal, é a cognição pré-reflexiva, e pré-conceitual. Intrínseca à ação. Modo de conhecer inerente ao episódio da existência.

Ação, existência, como atualização, desdobramento, de possibilidades.

Que não é nem teórica, nem prática.

Conhecer, eminentemente poético e dialógico.

O conhecer, em específico. Em seu processo formativo, produtivo, criativo.

Implicação, pré-compreensão, compreensão.

Como tal, a intuição não é teórica, não é reflexiva .

Não é conceitual. Nem da ordem da explicação.

Nem objetiva, nem subjetiva. Nem objetividade, nem subjetividade. Transjetiva. Transjetividade, especificamente. Porque dura enquanto dura o jeto do desdobramento de possibilidades da ação.

Perspectiva da inspeção.

Na medida em que não é expectativa de objetos. Por um sujeito.

Compreensão, em específico, a intuição não é percepção. Não é explicação.

Ontológica, compreensão, pré-reflexiva, e pré-conceitual, não objetiva, nem subjetiva, não teórica, a intuição, em específico, é empírica.

É o próprio empirismo.

Mas, empirismo fenomenológico. Não objetivista.

Empirismo fenomenológico. Ontológico. Compreensivo. Intuitivo.

Eminentemente, afirmar --*arriscar, tentar* --, a afirmação e o desdobramento, da vivência de possibilidades. Arriscar, tentar, a afirmação e a vivência do desdobramento da ação. O que caracteriza a experimentação fenomenológica.

O que define a intuição, a vivência do modo fenomenológico existencial de sermos da ação, intuitiva, como interpretação, hermenêutica experimental. Fenomenológica existencial, compreensiva. Inerentemente.

A experimentação, fenomenológica, compreensiva.

Em contraste, podemos compreender que a intuição é ontológica, e não ôntica.

Vivência da implicação. E não explicação.

É compreensão.

A intuição é poética, em específico.

Nem teórica nem prática. É o aspecto cognitivo da ação. Do episódio da existência.

EMPIRISMO & EMPIRISMO

Para a fenomenologia, para a existência, é interessante esclarecer que, dentre os diversos tipos de empirismo existentes, existe o empirismo objetivista, e o empirismo não objetivista.

Como um sub-tipo deste segundo: o empirismo ontológico da existência, da ação. Mais especificamente, o empirismo ontológico, fenomenológico existencial.

Dentre suas características: a de que não é objetivista.

É o empirismo da dramática da ação. É fenomenológico, e existencial.

Pois bem, empírico, no sentido ontológico, fenomenológico existencial. O fenomenológico, a existência, o existencial, são eminentemente empíricos. De todo, não teorizantes, pré-reflexivos e pré-conceituais.

Faz toda a diferença.

Porque o empírico, no sentido fenomenológico existencial, é acontecer.

E não acontecido como o é, o empirismo reflexivo e conceitual.

Ou seja, o empirismo fenomenológico existencial não é da ordem do objeto, do objetivo. Nem do sujeito, do subjetivo. Porque ambos, tanto o subjetivo como o objetivo, são posições do acontecido.

São afastamentos do jeto, da ação, da existência. Objeto significa afastamento do jeto. Dejeto. Sujeito, também.

O caráter especificamente empírico da vivência da ação, da existência, é da ordem do acontecer. Inerente à própria vivência do acontecer (E só existe vivência da ação, da existência, do acontecer, de um modo, específica e particularmente, empírico). Mas, a ação, dura a duração do jeto do desdobramento de possibilidades. A ação, e suas propriedades são *transjeto*. *Transjetivas*. *Transjetividade*.

De modo que, não se dá como constituição de um afastamento do jeto, ob-jeto.

Mas, ela é a própria vivência do jeto, como dramática da existência. O próprio jeto, como atualização do desdobramento de possibilidades. Como dramática da ação, e da existência.

Em específico, o afastamento do jeto, é que é o ob-jeto, e o sujeito.

O objeto e o sujeito, a objetividade e a subjetividade, como acontecido, se constituem a posteriori à ação.

O transjeito se constitui durante a duração do desdobramento da dramática da ação, da existência. Durante a vivência da ação.

A vivência da dramática da existência, da ação, não comportando o sujeito e o objeto, nem a sua dicotomia – na qual o sujeito contempla o objeto --, não é teórica, é da ordem do não teorizante. Do pré-reflexivo, e pré-conceitual. É da ordem da transjetividade.

E não comporta objetos. Transjetos.

Passado o episódio da ação, finda a oportunidade da transjetividade, e se constituem, a posteriori, o objeto e o sujeito. O objeto, e o sujeito são posteriores ao episódio da ação, da existência. São da ordem do acontecido.

Passada a tensionalidade da ação, como que se cristalizam, se constituem o sujeito e o objeto.

Constituídos, em acontecido, o sujeito e o objeto – afastamentos do jeto -- pode o sujeito contemplar o objeto.

A contemplação que o sujeito pode fazer do objeto é, assim, o que chamamos de teoria.

A teoria é passado, acontecida, é reflexiva e conceitual.

E á sucessiva ao acontecer do desdobramento de possibilidades, do desdobramento da ação, do desdobramento do episódio da sístole da existência.

Durante a duração do episódio existencial da ação, não há a possibilidade de sujeitos, nem de objetos. Porque não existem sujeitos nem objetos, no transcurso da duração da ação.

Transjetos transcorrem a ação.

Que é o espaço e o tempo da transjetividade. Não havendo, portanto, possibilidade da teoria na transjetividade do acontecer.

Que é espaço, e tempo, da dramática da ação, da existência, do acontecer.

A ausência de teoria é o que chamamos de empirismo. É a vivência na própria vivência, sem teorização.

Sem teorização, o episódio da vivência do acontecer, da ação, da existência, é eminentemente, própria e especificamente, empírico. Empirismo.

Como o emPIRIsmo, a exPERImentação fenomenológico existencial, enquanto arte, é a própria vivência do acontecer. Pré-reflexiva e pré-conceitual. É fenomenológico existencial emPÍRICa, portanto.

A PERÍcia na arte da ação, da existência é, portanto, uma arte eminentemente, emPÍRica. Própria e especificamente, emPÍRica. No sentido fenomenológico existencial do episódio da ação. Ou seja, do episódio da dramática e estética da existência.

Em si, esta PERÍcia é a PERÍcia na implicação.

Porque a vivência pré-reflexiva e pré-conceitual da imPLICAção, a vivência da plexificação (perplexidade) do desdobramento de possibilidades, que é a imPLICAção, a vivência do episódio da ação, da existência, são eminentemente emPÍRICos. A arte da ação, e da existência é eminentemente emPÍRica.

Consiste na vivência da emPIRIA da dialógica poiética da errância, desinteressada, e gratuita, da vivência da atualização de possibilidades, da ação.

ctrl
índice

CONHECER.

Pré-Compreensão, Compreensão, Intuição da ação, do episódio existencial.

Aqui, falamos de '*conhecer*'. Do ato de conhecer.

Não de '*conhecimento*'.

Muito menos de teoria. O *isso* do conhecimento, como diria Buber.

O conceito é o isso do conhecimento.

Interessante isto...

E Buber tem tanta autoridade para dizê-lo.

O conhecimento constitui o *isso* do conhecer. Seu passado, sua condição de ente. O conhecer é o presente da ação. O conhecer é ato.

Seu momento, ante- passado.

Seu *presente*.

Seu-pré-ente.

Seu modo de ser anterior ao ente.

Pres-ente significa ante-ente.

Como vivência do desdobramento de possibilidades. Como eu-tu. Como presença e atualidade da ação. O aspecto, especificamente, de cognição, compreensão, da ação...

Momento pré-coisa. Pré-conceitual.

De inevitável destino na conceituação.

O teórico, a teoria, o *isso do conhecimento*, são próprios ao modo ôntico, o modo coisa de sermos.

O teórico, a teoria, se dá como flexão, e reflexão. O dobrar-se do sujeito sobre o objeto. Ambos como coisa.

Acontecem, portanto, no modo ôntico de sermos. No qual, depois do episódio fenomenológico existencial da ação, se constituem sujeito e objeto; subjetividade e objetividade. Que só se repetem. Já que nada de original acontece no modo ôntico de sermos; no modo de sermos da instalação da coisa..

Sendo o conhecer, propriamente dito, próprio ao momento ontológico do episódio da ação. Da existência.

O aspecto cognitivo do episódio da ação; do episódio da existência.

Que é *logos*, compreensão, ontológica.

Da ordem da implicação.

O conhecer é *jeto*. *Transjeto*, *Transjetividade*.

O conhecimento, o teórico, a teoria, são da ordem da explicação.

O conhecer, da implicação. Pré-reflexiva, e pré-conceitual... A intuição da pré-compreensão, e da compreensão...

O conhecer é inerente à ação. Ao episódio da existência.

É o aspecto cognitivo do episódio da ação, do episódio da existência...

Na medida em que o conhecer é *jeto*, enquanto desdobramento de forças.

O conhecimento, o conceitual, a teoria, em específico é 'dejeto'.

Já que não é mais *jeto*, ação, desdobramento de possibilidades...

Só existe conhecer na ação. Na momentaneidade instantânea do ato da existência. Da ação.

Logo, o conhecer, evidentemente, não é teórico, nem reflexivo.

Ontológico, o conhecer é compreensão. É pré-reflexivo, e pré-conceitual.

O conhecimento, em específico, é reflexivo e conceitual... Dá-se, como coisa, no modo ôntico de sermos.

É explicação. E não implicação.

Já transitou, como implicação. como fenômeno, como sentido, como *logos*, como compreensão... No modo ontológico de sermos.

E inicia, agora, sua condição ôntica, como explicação.

Na condição de objeto, que é contemplado por um sujeito.

Empobrecido, de sua riqueza, de seu refinamento -- de *logos*, de sentido --, a um esquematismo, e uma caricatura: o conceito.

A ser contemplado como objeto. Teoreticamente.

O termo *objeto*, em específico, significa *afastamento do jeto*

O *jeto* é a ação, enquanto desdobramento de forças. As possibilidades.

Existe, assim,

(a) uma cognição, que dá-se na duração do episódio do *jeto* da ação, especificamente.

É, assim, *transjetiva*; *transação*. O conhecer.

E,

(b) uma cognição que é objetiva.

O conhecimento, o teórico, o conceitual.

Que se dá depois do jeto da ação, e da presença, da ação, e da compreensão.

E é reflexivo.

Dá-se na ôntica condição de coisa de sujeito e do objeto. E de sua dicotomia.

A imPLIcação, é um padrão maior do episódio da ação, da existência, da pré-compreensão; e da compreensão.

A vivência da dramática do episódio da ação é intensional. É uma tensão. Na medida em que é constituída pelo desdobramento de forças. As possibilidades.

Na vivência da interpretação da ação, as possibilidades são múltiplas. Uma multiPLICidade que se organiza.

As estruturas fluídas nas quais as possibilidades se organizam, no episódio da ação são PLEXos ('PLics (gr.)': multiPLICidades organizadas)

Como forças, lógicas, que são, as possibilidades competem e argumentam entre si.

E formam dominâncias.

Que são PLEXos, gestalts, de possibilidades. No decurso do episódio da ação.

Os PLEXos e as possibilidades, prosseguem, na intensionalidade, formando novas dominâncias, e novos PLEXos, no que chamamos de imPLIcação.

Lógicos, ontológicos, fenomenológicos, enquanto vivência de sentido, especificamente, os PLEXos, desdobram-se da pré-compreensão à compreensão, e a musculação, à medida que se constituem. E duram, *transjetivamente*, a duração do jeto da transação, do transcurso, da dramática da ação.

Implicação, pré-compreensão, compreensão e musculação são, na intensionalidade, os elementos da cognição da ação. Enquanto atualidade e presença fenomenológico existencial, ontológica.

Na sua específica intensionalidade, a implicação, a pré-compreensão, a compreensão e a musculação são pré-reflexivas, e pré-conceituais.

Pré-reflexivas, na medida em que dão-se, na vivência da implicação, do modo ontológico de sermos, da ação. Antes da constituição de sujeito e de objeto.

Não há um objeto a ser contemplado, teoreticamente, na pré-compreensão, compreensão, e na musculação. Nem um sujeito que o contemple.

O ator é o agente da ação, e de inspeção.

Que vivência intuitiva e imediatamente, como vivência de consciência.

A pré-compreensão, a compreensão, e a musculação -- intrínsecas ao modo ontológico, fenomenológico existencial de sermos -- são pré-reflexivas, e preconceituais.

Na medida em que se dão antes do empobrecimento, caricaturização, e esquematização de seu processo de constituição de sentidos, pelo decaimento da força das possibilidades.

Isso permite que seja gestaltificativo, o conhecer pré-compreensivo, compreensivo, e a musculação.

Na medida em que -- pré-conceituais -- preservam a constituição do conhecer, como vivência pré-reflexiva, e pré-conceitual do projeto, atualidade, presença, performance, do todo, que é diferente da soma das partes...

Mais original, rico, e fluído que o esquematismo e caricaturização do conhecimento conceitual. Objetivo. Teorético.

O efetivo conhecer, que se constitui na ontologia da fenomenologia existencial da ação...

ctrl
índice

CONSCIÊNCIA E VIVÊNCIA

Da mais alta importância -- para a compreensão da Ontologia, da epistemologia, e da metodologia fenomenológico existenciais -- é a distinção entre *vivência* e *consciência*.

Ao longo do tempo, em Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial, lançou-se mão de conceitos precários e impróprios para expressar suas distinções, e a importância delas.

Às vezes a distinção parece não existir.

Ou é abordada de modo simplório.

Normalmente, entende-se que o elemento central do Comportamentalismo é o comportamento; o elemento central da Psicanálise, o inconsciente; e o elemento central da Psicologia Humanistas é a 'consciência'.

Mas, qual 'consciência'?

Como definir 'consciência'?

E qual 'consciência'?

Foi Dilthey que --, perseguindo as distinções entre a *compreensão* e a *explicação* -- lançou luz, inicialmente, sobre a questão. Sendo que a Fenomenologia fez dela a sua questão de trabalho.

Em função destas explorações, possuímos um arsenal conceitual, que nos permite formular as propriedades e distinções entre *consciência* e *vivência*, de modos esclarecedores.

A vivência, a compreensão, dá-se na implicação. É pré-reflexiva, e pré-conceitual. Ontológica. Fenomenológico existencial, e dialógica.

A consciência não é implicação, é explicação, É reflexiva. Ôntica. E não dialógica. Reflexiva, e conceitual.

ctrl
índice

VIVÊNCIA

Vivência
Banda de Pau e Corda

*Quem nasceu lá e viveu
Crescendo percebeu
O canto do ferreiro
Da casa do doutor
O velho mensageiro
Das cartas de amor
O homem, o vassourão
Limpendo o chão da manhã
Sabe, crê e chora
Vive cada hora
No canto do ferreiro
Da casa do doutor*

*Quem nasceu lá e viveu
Crescendo percebeu
Viu descer o amor
No céu de cada tarde
Encontros nas esquinas
Corridos pra esconder
A moça e a canção*

*Deixando a graça para alguém
Sabe, crê, e chora
Vive cada hora
No encontro nas esquinas
Nas tardes de amor*

*Quem nasceu lá e viveu
Crescendo percebeu
O sino da capela
Chamando pra rezar
As noites de domingo
As festas do lugar
As rodas de ciranda
E as cantigas de ninar
Sabe, crê, e chora
Vive cada hora
No sino da capela
Nas festas do lugar*

*Sabe, crê, e chora
Vive cada hora
Presente na lembrança
Ausente do lugar*

Essas duas características básicas -- a de ser **pré-reflexivo**, e **pré-conceitual**-- são características próprias, básicas, do modo ontológico de sermos. Da vivência.

E não da consciência reflexiva. Não do modo ôntico de sermos.

O modo ontológico de sermos, a vivência, é **pré-reflexivo**. Em específico, porque evolui para a reflexão.

A duração de seu episódio, entretanto, é anterior à reflexão. Pré-reflexiva.

Ou seja, o modo ontológico de sermos dá-se anteriormente ao modo coisa de sermos. Modo coisa de sermos no qual se constituem, como coisas, sujeito, e objeto.

O sujeito contempla, dobra-se, flete-se, sobre o objeto.

Como isto se dá no modo coisa de sermos, em que nada de original acontece -- no qual só há repetição --, a flexão converte-se em **reflexão**.

Daí, que o modo ôntico de sermos, é reflexivo, **o modo reflexivo de sermos**. O modo ôntico de sermos é reflexivo. Nele, o sujeito se flete, e reflete, sobre o objeto. No que entendemos como o modo teorético de sermos.

Por outro lado, o modo ontológico de sermos é **(près)-conceitual**.

No sentido de que é anterior, e prepara, a conceituação.

É necessário dar uma atenção particular ao que significa 'conceituação'.

A vivência das possibilidades, no modo ontológico de sermos, da ação, é a vivência do desdobramento de forças. É **tensional, intensional, intensionalidade**.

Conceituação é a perda do vigor criativo de multiplicidade de possibilidades. A reificação dos produtos da ação. Caricaturização. Esquematização. Desnaturação deles.

A vivência do modo ontológico de sermos é a vivência do vigor de plexos de forças, plexosm de forças, a vivência da força de plexos de possibilidades. A implicação.

Esta vivência, intensidade, depois que se inicia, sobe a um pico de intensificação. Para, em seguida, decair.

Quando há o decaimento, este ocorre como o decaimento da intensidade, intensionalidade, da força, das possibilidades, e de seus plexos.

À medida que decaem, as possibilidades **se instalam** como **coisas** individualizadas. E destacadas de sua fonte, e duração, ontológicas.

Este processo, decorrente da perda da intensidade da força da multiplicidade de possibilidades -- a reificação dos produtos da ação, a esquematização, inerente à coisidade da coisa, a caricaturização -- é o que entendemos por **conceituação**.

A vivência da duração da transjetividade da ação, da fenomenológica do episódio existencial, do modo ontológico de sermos, prepara a conceituação; mas é, em si, especificamente pré-conceitual (près-conceitual).

De modo que a vivência do modo ontológico de sermos é **intencional e pré-conceitual**.

A **implicação** (através de *plexos*) é a forma pela qual se organiza o movimento de atualização de possibilidades.

No episódio fenomenológico existencial da ação, as possibilidades, são múltiplas. Esta multiplicidade é uma multiplicidade em que, as possibilidades, forças plásticas, e lógicas, competem e argumentam entre si.

Na intensionalidade desta competição, e argumentação, as possibilidades organizam-se em *plexos (plices)*. (Multiplicidade organizada). Nisso constituindo a **implicação**.

Toda a vivência do episódio do modo ontológico de sermos é ação.

A intensionalidade da ação organiza-se como **implicação**.

De modo que, a vivência do modo ontológico de sermos, a vivência da ação, é **implicação**.

A experiência do modo ôntico de sermos, da consciência reflexiva é **explicação**.

A implicação organiza as forças da ação. Forças que são forças plásticas, criativas.

E são forças lógicas, ontológicas, fenomenológicas, dialógicas.

Quando se formam, os seus plexos se constituem, e são preendidos, vivencialmente. Como **preensão --, no sentido cognitivo. Com-preensão**.

A com-preensão é, assim, o aspecto cognitivo do episódio do modo ontológico de sermos, do episódio fenomenológico existencial da existência, ação.

A teórica, a objetividade, o conceito, a explicação, constituem o aspecto cognitivo do modo ôntico, do modo coisa de sermos.

Enquanto coisa instalada, as coisas não têm a criatividade da dinâmica poética da ação. Não tem moção, nem emoção, Nem motivação. Característicos da vivência do episódio ontológico, fenomenológico existencial, da ação.

CONSCIÊNCIA REFLEXIVA

Adjetivamos de "**reflexiva**" a cognição subjetiva -- conceitual, perceptual, como consciência de um sujeito. Para diferenciá-la da consciência *pré-reflexiva*, pré-conceitual.

A compreensão. O aspecto fenomenológico, cognitivo, do episódio da ação, do episódio da existência.

Se cuidarmos de uma definição mais acurada da consciência -- de seu aspecto intrinsecamente poético, criativo, formativo; sua característica de ação, de atualização de possibilidades, de efetivo conhecer pré-reflexivo e pré-conceitual; seu aspecto fenomenológico existencial de superação, e de regeneração... -- vemos que, apenas este aspecto cognitivo da ação, do modo ontológico de sermos, mereceria o nome de 'consciência'.

Dado o uso comum, e equívoco do conceito, todavia, no seu amplo sentido genérico -- desde "estar desperto", no sentido de estar no estado de vigília, até a consciência explicativa --, mantemos o uso.

Designamos por consciência a consciência em geral. Em específico, a consciência reflexiva.

E reservamos o termo "vivência" para o aspecto cognitivo do modo ontológico de sermos. Pré-conceitual, e pré-relexivo. Do episódio da ação, do episódio da existência.

A consciência reflexiva é o modo de sermos de instalação da coisa. Modo ôntico de sermos. Do ente.

Como observamos, no episódio da ação, transitada a duração do modo jetivo da ação, há o decaimento da força das possibilidades.

E a poiética da ação instala-se como coisa.

Nesta coisificação, surgem as dimensões do sujeito, e do objeto, e sua dicotomização. O sujeito 'contempla' o objeto. O sujeito é espectador do objeto...

Assim, o modo ôntico de sermos, é reflexivo (v. acima) e conceitual.

Modo de sermos já fora da duração da intensionalidade da ação.

Pelo decaimento da força de possibilidades, a instalação da coisa não pertence à implicação. De modo que, em específico, o modo ôntico, modo coisa de ser, é da ordem da **explicação**.

Assim sendo, a consciência reflexiva, em específico é reflexiva, e conceitual. E, no seu momento próprio, sua experiência não é mais da ordem da implicação. Mas da ordem da explicação.

Diferentemente do modo ontológico de sermos -- cujo aspecto cognitivo é, especificamente, a implicação e a compreensão --, o aspecto cognitivo do modo ôntico de sermos, da instalação da coisa, do modo ôntico de sermos é a **explicação**.

Vivência é compreensão. Compreensão é vivência.

INTERPRETAÇÃO. COMPREENSÃO E EXPLICAÇÃO

Conceituar a interpretação já demanda uma perspectiva de suas modalidades.

(1) Se implicativa, compreensiva; (2) se explicativa teórica..

A interpretação compreensiva é a ação.

A vivência do desdobramento de possibilidades. Sua dimensão cognitiva, a compreensão.

É a vivência do engendramento da forma, a performance, na dramática do desdobramento da implicação de possibilidades.

É uma dialógica. Uma dialógica com os plexos de possibilidades. Que dialogicamente se expressa, como vivência de compreensão e da musculação. A partir da vivência plástica de suas intensionalidades.

Naturalmente, que isto difere de um conceito de interpretação explicativa.

A interpretação explicativa, não é implicação, mas explicação.

É reflexiva, teórica.

'Hermenêutica' é 'arte geral da interpretação'. Compreensiva ou explicativa.

Em homenagem a Hermes, o herói grego, que fazia a interpretação da linguagem dos deuses do Olimpo para os humanos.

As modalidades da interpretação -- (a) implicativa, compreensiva; e (b) explicativa --, correspondem, ontológica, e epistemologicamente, aos dois modos de sermos.

O ontológico, e ôntico. Uma é ontológica, a outra é ôntica.

Radicada no desdobramento da compreensão, a interpretação compreensiva é cognitiva -- compreensiva --, e muscular. É pré-reflexiva, e pré-conceitual. Ativa, e formativa.

Dá-se como o modo de sermos do ator. Já q pré-conceitual.

Compreensiva, e muscularmente, dá-se no âmbito da duração da transjetividade do jeto da intensionalidade da ação -- é transjetiva. Na inspeção da vivência fenomenológica do ator.

A emoção é constituinte do modo ontológico de sermos. De modo que a interpretação compreensiva é matizada pela emoção. O que não ocorre com a interpretação explicativa.

A interpretação explicativa é objetiva.

Uma vez que dá-se no modo coisa de sermos -- no modo de sermos do acontecido.

Objeto, em específico, significa, 'afastamento do jeto'. Objeto é afastamento do jeto. Modo ôntico de sermos.

A ação. É jeto. Modo ontológico.

Quando a vivência da ação transita do modo ontológico para o modo ôntico de sermos, só então se constituem sujeito e objeto. E o sujeito se debruça, se dobra, sobre o objeto.

Como este dobrar-se se dá no modo acontecido de sermos, nada de novo acontece, só há repetição. E a flexão torna-se re-flexão. E isto a teorética.

A interpretação explicativa configura-se, assim, como uma reflexão -- no modo acontecido, teórico, explicativo, reflexivo de sermos, naturalmente --, que o sujeito faz sobre o objeto.

A interpretação compreensiva é pré-reflexiva, ontológica. Seu elemento cognitivo, a compreensão. Seu desenvolvimento a implicação.

Além de pré-reflexiva, e pré-conceitual, não teórica, implicativa, a ação, a interpretação compreensiva é movimento, moção, emoção. É despropositiva, motivada, e motivacional, não útil, não prática, não pragmática, criativa, formativa, fenomenologia gestaltificativa, não real, mas realização, regenerativa.

COMPREENSÃO E PERCEPÇÃO. COMPREENSÃO E EXPLICAÇÃO.

São confusas ou indistinguíveis, ao senso comum, as distinções entre 'compreensão' e 'percepção'...

É uma questão de modo de sermos.

A compreensão se dá no modo sermos ontológico, é pré-reflexiva, e pré-conceitual.

Já a percepção, dá-se no modo ôntico de sermos, conceitual, e reflexivo. Modo coisa de sermos. É objetiva, reflexiva, e conceitual.

Assim, a compreensão é uma questão de sentido.

A percepção é uma questão de conceito.

A compreensão contém a emoção. Dá-se no modo ontológico de sermos da emoção. Modo ontológico de sermos, da sensibilidade emocionada.

A percepção dá-se no modo que não é da emoção. Dá-se sem emoção.

A compreensão é tensional, intensional. Constitui-se no âmbito da vivência da implicação.

A percepção é distensional. É real. Realizada. É ex-PLIC-ação.

Compreensão é constituinte da ação.

A percepção é uma coisa.

Ou seja, somos atores quando compreendemos. Somos coisas instaladas, quando percebemos.

Naturalmente, isto é só o início. Importante considerar as particularidades que isto implica.

Não há, pois, como confundir 'compreensão' e 'percepção'.

É infeliz a expressão 'fenomenologia da percepção' porque não é possível. Não existe 'fenomenologia na percepção'. A fenomenologia é da compreensão.

A compreensão surge no âmbito da im-PLIC-ação. É o aspecto cognitivo do modo ontológico de sermos, da ação, da existência. In-tensional.

A percepção é a reflexão característica do modo ôntico de sermos, da explicação. Ex-tensão.

O prefixo 'cepção' -- através da 'çepção' -- coloca a percepção no âmbito do conceitual. E o termo não deve ser utilizado referindo-se ao pré-conceitual. Dadas as características específicas deste.

A compreensão é ontológica, e se constitui pela implicação, no âmbito do desdobramento de possibilidades da ação. É tensão, é intensional. É jeto. É projeto. É trans-jeto. Transjetividade.

A im-PLIC-ação é como se organiza a vivência do jeto (desdobramento de forças, as possibilidades) da ação. Que são multiPLas.

As possibilidades (forças da ação) são forças lógicas.

Ontológicas, fenomenológicas, dialógicas.

Que no fluxo de sua tensão, de sua in-tensionalidade, competem e argumentam entre si. E formam dominâncias, PLEXos (gestalts).

Esses PLEXos se constituem cognitivamente. São 'preendidos' como cognição. E, desta forma, são a compreensão. Ontológica. Implicação.

A compreensão, portanto, é tensional, intensional. E se constitui no âmbito da implicação.

O marco para a percepção é a conceituação.

Ou melhor, na sequência do episódio fenomenológico existencial da ação, da existência; ao concluir-se este episódio. Com o decaimento da força das possibilidades. A conceituação, e a reificação dos produtos da ação.

O feneçimento das possibilidades, no episódio fenomenológico existencial da ação, seu decaimento, viabiliza a coisificação dos produtos da ação, sua super simplificação, esquematização, e caricaturização: sua conceituação.

Na medida em que são desprovidos de possibilidades ativas.

Assim, dá-se a extinção de sua intensionalidade, e a coisificação particular. A instalação como coisa.

Assim, surge o objeto, e o sujeito diferenciados, e sua dicotomização.

Assim surge a possibilidade da reflexão.

Assim surge a percepção.

O apartamento dos produtos da ação de sua matriz ontológica permite a sua reificação, e conceituação.

Daí, que a compreensão tem suas características ontológicas. E as características ônticas da percepção.

Resultantes estass, e por meio (per), e conclusivas, da conceituação (cepção).

COMPREENSÃO E EXPLICAÇÃO

Algo de similar se passa entre a compreensão e a explicação.

A compreensão é inerente à im-PLIC-ação.

Já a ex-PLIC-ação, por ex-clusão, não é im-PLIC-ação.

É preciso ter em mente que a ex-PLIC-ação, a ex-tensão, refere-se ao modo ôntico de sermos.

A compreensão, epígono da imPLIC-ação, é ontológica. A im-PLIC-ação é fenômeno ontológico.

Daí, as características conceituais, de coisa, da ex-PLIC-ação; e as características ontológicas, de ação da compreensão. In-tensional. Enquanto que a ex-PLIC-ação é ex-tensional.

A compreensão se constitui, ontologicamente, no âmbito da im-PLIC-ação. É da ordem do sentido.

A ex-PLIC-ação é o âmbito fora da intensionalidade da imPLIC-ação. Fora do modo ontológico. Modo ôntico de sermos. Ex-tensão.

É da ordem do conceito.

ctrl
índice

"PRÉ-COMPREENSÃO", E O FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL

...um 'ser subterrâneo' a trabalhar, um ser que perfura, que escava, que solapa. Ele é visto – pressupondo que se tenha vista para este trabalho na profundidade – lentamente avançando, cauteloso, suavemente implacável, sem muito revelar da aflição causada pela demorada privação de luz e ar; até se poderia dizer que está contente com o seu obscuro labor. Não parece que alguma fé o guie, algum consolo o compense? Que talvez queira a sua própria demorada treva, seu elemento incompreensível, oculto, enigmático, porque sabe o que também terá: sua própria manhã, sua redenção, sua aurora?... Certamente ele retornará: não lhe perguntem o que busca lá embaixo, ele mesmo logo lhes dirá, esse aparente Trofônio e ser subterrâneo, quando novamente tiver “se tornado homem”. Um indivíduo desaprende totalmente o silenciar, quando, como ele, foi por tão longo tempo toupeira, solitário. (F. Nietzsche, em Aurora).

O fenomenológico é vivencialmente consciente; o vivencialmente consciente é fenomenológico. O ato é vivencialmente consciente, a vivência consciente é ativa... Ainda que pré-reflexiva, e pré-conceitual.

Não fora assim, como seria o seu caráter aparential? Para quem apareceria o fenomenológico? E é esta aparência que caracteriza a apreensão da com-preensão. A apreensão consciente, vivencialmente.

Interessante a pré-compreensão, que marca o limite da vivência.

Porque a pré-compreensão, não obstante constituinte do ato, do fenomenológico, a pré-compreensão não é consciente. É pré-consciente. A compreensão é fully consciente, vivencialmente. E isto a define. A pré-compreensão se situa, experimentalmente, no limite intuitivo da vivência. Suprindo-a, só intuitiva e experimentalmente, de modo qualitativo. Analógico...

O fenomenológico é vivencialmente consciente; o vivencialmente consciente é fenomenológico. O ato é vivencialmente consciente, a vivência consciente é ativa...

Não fora assim, como seria o seu caráter aparential? Para quem apareceria ele?

E é esta aparência que caracteriza a apreensão da com-preensão. A apreensão consciente, vivencialmente.

Interessante a pré-compreensão, que marca o limite da vivência. Porque a pré-compreensão, não obstante constituinte do ato, do fenomenológico, a pré-compreensão não é consciente. A compreensão é fully consciente, vivencialmente. E isto a define. A pré-compreensão se situa, experimentalmente, no limite intuitivo da vivência. Suprindo-a, só intuitiva e experimentalmente, de modo qualitativo. Analógico...

A pré-compreensão é um dos modos mais interessantes e ricos de ser. Eu diria, até mais do que a própria compreensão.

Porque a pré-compreensão permanece no nível de pré-consciência, despertando seus indícios intuitivos, certamente a partir de processo implicativos subconscientes, nos quais só se constituem os indícios, parcialmente. Como intuições vivenciais de alta qualidade. Ainda que experimentais, e experimentalmente incertos...

De alta qualidade, e sutileza, porque se liga aos níveis sub-conscientes da implicação. E intuitivamente os expressa. E, assim, se constitui como vivência. Mas, intuitiva, não se constitui como consciência.

Quando uma ética compatível lhe permite o desimpedido desdobramento, e acesso experimentais.

Assumindo que a pré-compreensão se desdobre, algo como a compreensão, e a implicação, temos um funcionamento vastamente intuitivo, não consciente, fornecendo seus resultados à implicação compreensiva da vivência fenomenológica.

Não poderíamos falar muito da pré-compreensão, porque seus processos são vastamente não conscientes, e só são acessíveis à consciência indícios qualitativos de seus resultados. Por esses, podemos entender um funcionamento maravilhoso, e resultados intuitivos igualmente.

Assumindo que a pré-compreensão dá-se implicativa e compreensivamente, como a vivência pré-reflexiva, e pré – conceitual, temos um funcionamento lógico, fenomenológico, amplamente pré-reflexivo e pré-conceitual.

Que, na sua aceitação e afirmação éticas, é um império da força das possibilidades, e dispõe da atualização ampla delas, fornecendo seus resultados qualitativos de suprimento intuitivo da vivência fenomenológica experimental.

No âmbito da dinâmica das forças, as possibilidades, o papel de condução permanece ao nível das forças. Pré-reflexivas, e pré-conceituais.

E não de qualquer dispositivo da consciência reflexiva. Teorética.

Isto porque, inimputável, o modo pré-conceitual de sermos depende da inimputabilidade da multiplicidade de forças, no seu livre desdobramento, e no provimento da força qualitativa de seus resultados.

A premissa ética da natural aceitação, e da afirmação, do pré-compreensivo, a habitualidade no trato com ele e com os resultados de seus

funcionamentos, garante a sua livre operação e provimento de seus resultados.
Analógicos...

Assim, a ética de uma aceitação e afirmação do pré-compreensivo, no seu caráter pré-reflexivo, e pré-conceitual, é o caminho das pedras para a otimização de sua vivência.

ctrl
índice

COMPREENDER. VERBO INTRANSITIVO

*Não se encontrará as pessoas
estudando-as apenas como objetos.*

Ronald Laing.

A vivência de possibilidades, no modo pré-reflexivo e pré-conceitual de sermos, é **lógica**.

As possibilidades são forças **lógicas**, fenomenológicas, existenciais, dialógicas, ontológicas.

No modo pré-reflexivo e pré-conceitual de sermos. Isso quer dizer que elas se constituem cognitivamente como sentido (logos).

Na momentaneidade instantânea de seu episódio, o desdobramento de possibilidades, a ação, é lógica, fenomenológica existencial, dialógica; ontológica.

Dentre outros aspectos, na duração de sua momentaneidade instantânea, o desdobramento de possibilidades, a ação, constitui-se cognitivamente, como vivência de sentido (ontólogos).

Vivência esta que designa o modo ontológico de sermos.

A compreensão -- com/preensão, a apreensão cognitiva -- é a constituição cognitiva, como sentido (logos), do processamento da ação, do desdobramento de possibilidades, no processamento da implicação, no modo pré-reflexivo e pré-conceitual, ontológico, de sermos. O fenomenológico, existencial.

Presente, o modo ontológico de sermos precede -- como o episódio fenomenológico existencial da ação -- o modo de sermos coisa, **o modo de sermos do ente. Près-ente**. O modo ôntico de sermos. Modo de sermos em que **o ente (a coisa) se constitui**.

No modo ôntico, coisa, de sermos -- em que a possibilidade não mais vigora (por isso ôntico, não lógico, não ontológico) -- não há constituição da cognição compreensiva, da compreensão.

E o modo ontológico de sermos, jeto, que vigora no precedente modo de sermos -- modo ontológico, do ator inspetador -- cede lugar à constituição e

vigor, do modo de sermos, modo de sermos do sujeito e do objeto, e a sua dicotomização. O modo ôntico de sermos.

No precedente episódio do modo ontológico -- fenomenológico existencial e dialógico, modo projeto -- de sermos não há a constituição de sujeito e de objeto, e de sua dicotomização. Não há um sujeito que contemple, e que seja espectador, em relação a objetos.

Nele, o ator, que é jeto, é um ator inspetador,

Há dualidade no modo de sermos do ator, na ação, mas, é a dualidade da dialógica da interação Eu-Tu. Como observa Buber.

E não a dicotomia sujeito-objeto.

O ator, pois, não é sujeito, mas jeto. Não há objeto para o ator -- que é jeto. (Da mesma forma que ele não é um sujeito, mas jeto, jet, no modo projeto, projeto, de sermos. Que é o modo fenomenológico existencial e dialógico, ontológico).

Nem subjetivo nem objetivo, o ator é transjetivo; transjetividade.

A constituição cognitiva, que é a compreensão, na implicação do modo ontofenomenológico de sermos -- no episódio fenomenológico existencial da ação --, não é, assim, uma contemplação de um objeto por um sujeito, expectativa, uma especiação, uma explicação.

Mas a inspeção compreensiva, compreensão na dramática da ação. Implicativa.

Assim, é só um truísmo, que 'compreender' seja um verbo intransitivo.

A atividade, a ação, que não tem objeto. Não é a operação de um sujeito. Nem é objetiva.

Compreender não tem objeto. Já que é jeto. E não é a propriedade de um sub/jeto...

O objetivo da terapia não é o de que o terapeuta compreenda o cliente -- metodologicamente, jamais o cliente é um objeto para o terapeuta.

Mas criar as condições de acolhida de um clima ontológico na relação com o cliente. No qual o cliente, e ele próprio, compreendam implicativamente.

Metodologicamente, o que o cliente vivencia, como compreensão, não é objeto, não é objetivo -- nem subjetivo. Mas transjetivo. Inspeção na ação.

Metodologicamente, sem espaço para a explicação.

Psicólogo fenomenológico existencial não explica, **implica**.

ctrl
índice

IMPLICAÇÃO, GESTALTIFICAÇÃO, COMPREENSÃO

O termo e o conceito de 'implicação' são, extremamente, importantes para a definição e caracterização da perspectiva fenomenológica.

Quando menos, porque o conceito de im-plicação caracteriza o fenomenológico, em contraposição ao termo, e ao conceito, de ex-plicação.

Simplesmente, a ex-plicação é o modo de sermos que não é a im-plicação. O modo de sermos que não é a vivência de consciência fenomenológica, pré-reflexiva e pré-conceitual.

Ou seja, explicação é o modo teórico de sermos, e o modo comportamental de sermos. Que não são implicação, não são implexação. E, fora do modo de sermos da implicação, são portanto o modo de sermos da explicação

Quando falamos de 'implicação', falamos do modo fenomenológico eitual, do modo ontológico de sermos. Modo de sermos da ação, do desdobramento implicativo da multiplicidade de possibilidades,

Uma característica fundamental da vivência fenomenológica, pré-reflexiva, do modo ontológico de sermos, como ação, é a sua inesgotável multiplicidade de possibilidades concorrentes, em cada ato. Multiplicidade que, vivencialmente, apresenta-se artisticamente, de um modo significativo, como um processo fluente de formação e de contínua sucessão de totalidades significativas, de gestalts, enquanto um rico processo de formação de figura e fundo, um processo de gestaltificação. De implicação.

Donde podemos entender que gestaltificação e implicação são exatamente sinônimos. Ou referem-se à mesma vivência do processo de formação de figura e fundo, de totalidades significativas, da vivência de consciência, fenomenológico existencial e dialógica.

Na gestaltificação. Chamamos de gestalten a sucessiva formação de dominâncias, no episódio fenomenológico existencial da ação.

Na implicação fenomenológica, de plexos.

Um aspecto fundamental da implicação, da gestaltificação, da compreensão, é o de que, a vivência fenomenológica, na qual elas se constituem, se dá como ato, como ação; ou seja, se dá como vivência de de uma multiplicidade de possibilidades, o que quer dizer -- já que as possibilidades, como forças, só existem em seus desdobramentos -- como vivência do desdobramento de uma multiplicidade de possibilidades, em padrões de

articulação das multiplicidades em processos de formação de figuras e fundos, padrões de articulação de gestalts.

Que, nos seus desdobramentos, são o acontecer.

Que dura até a gradativa extinção da força da articulação de possibilidades. Quando então elas se coisificam. Constituindo, enquanto coisificadas, as condição do sujeito e do objeto. De um sujeito que contempla um objeto. Contemplação que caracteriza o teórico modo de sermos da explicação. E a condição do ente, enquanto condição da coisidade, que é a condição da possibilidade exaurida.

Não obstante, a duração da vivência do ato, a duração da vivência da ação, enquanto desdobramentos de possibilidades, a duração da vivência do processo de formação de figura e fundo, não é da ordem do acontecido, é acontecer, e não é da ordem da coisidade.

De modo que, em sendo dialógica, eu-tu, não é da ordem da dicotomia sujeito-objeto. A vivência da implicação, a gestaltificação, acontecer, não é da ordem da dicotomia sujeito-objeto, não é da ordem da objetividade, nem da subjetividade, Mas da ordem da dialógica eu-tu, da ordem da condição -- não do sujeito -- mas da condição da ação, da condição do ator. Inspectador, e não espectador. Não teórico, mas fenomenológico existencial e dialógico compreensivo, implicativo, inspectativo, gestáltico. Não é da condição do ente, mas, acontecer, da ordem do pré-ente (pré-coisa), do presente.

Um aspecto fundamental, assim, da gestaltificação, da implicação, da compreensão, da inspectação, da vivência fenomenológico existencial, pré-reflexiva, é que, caracteristicamente, elas são sempre a vivência de uma multiplicidade de possibilidades.

Multiplicidade, que, em sua contínua geração, se constitui como um processo de consciência fenomenológica, de vivência. No qual a multiplicidade de possibilidades se articula, e se dissolve, perenemente, num processo de figuração, num processo de formação de figura e fundo, à medida em que se constituem como consciência pré-reflexiva, como compreensão.

Essas totalidades significativas, que são as gestalts, são plexos, enquanto totalidades -- de multiplicidades -- organizadas.

A raiz Grega para o termo, e conceito, de plexo é plic.

Daí o termo e o conceito de implicação, significando a vivência fenomenológica do processo de formação de gestalts. De figuração, de formação de figura e fundo. A partir das articulações de multiplicidades de possibilidades.

A compreensão tem em essência o mesmo sentido que implicação, e que gestaltificação. Referindo-se, especificamente, ao processo organizado, enquanto totalidades organizadas significativas, de consciência pré-reflexiva, de figuração, de formação de figura e fundo, de formação de gestalts, a partir da vivência do desdobramento de um plexo, de uma multiplicidade organizada,

de possibilidades. As possibilidades são lógicas (sentido). E a compreensão é a apreensão cognitiva dos sentidos da implicação

Pense em como um grampo, através de sua apreensão, organiza e enfeita, embeleza, inclusive, uma mecha de cabelos. Este é o efeito gestáltico, implicativo, apreensivo, com-apreensão, com-apreensivo, na organização sucessiva dos plexos, das multiplicidades de possibilidades, e da apreensão da compreensão, no processo implicativo de ação, de atualização de possibilidades, formação de figura e fundo, de figuração, de formação de gestalts, de gestaltificação.

ctrl
índice

EXISTÊNCIA EMOÇÃO E MÉTODO.

nas psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

A EMOÇÃO É O MÉTODO

O episódio existencial é ação.

Em sendo ação, é emoção. Dá-se na instantaneidade momentânea do episódio do modo ontológico de sermos. Modo de sermos da moção, da emoção.

Moção, a emoção é, assim, constituinte do episódio existencial, e do episódio da ação.

De modo que é um seguro indício de método, para a metodologia das abordagens fenomenológico existenciais de psicologia, e psicoterapia.

Não num sentido pragmático, mas no sentido de direção metodológica.

Neste sentido, as emoções têm, sempre tiveram – às vezes desinformadamente –, um valor diferenciado. Chegando às raias da histeria, ou de procedimentos que visavam ‘produzir a emoção’.

O que seria, mais ou menos, como quer que o rabo abanasse o cachorro.

Não.

No máximo, a emoção serve como indício de direção metodológica. A emoção não tem um valor de utilidade, um valor pragmático. Erro grave, entender que tenha. Apenas, ela é indicativa, como natural constituinte do modo de sermos da ação.

O surgimento da emoção é próprio da atualidade existencial do cliente, e do terapeuta, ao longo da dialógica poiética da terapia, ou trabalho psicológico.

Mal entendida, no meio pragmático norte americano, tentou-se se ver de um modo pragmático a emoção. Certos de que este seria o caminho para o método. Esforço vão, conducente esterilidade, artificialismo, e a histeria.

Alguns esforços francamente histéricos. Tanto no campo da arte expressionista, como do método psicológico.

Se foi assim, é importante que entendamos a emoção, e o seu efetivo valor metodológico.

Existência é moção, ação; e ação é emoção genuína.

São conditio sine qua non uma das outras.

De modo que, quando uma há, as outras estão presentes. E presente está o modo ontológico de sermos. Modo de sermos da existência e da ação. E o que nos interessa é trabalharmos na vigência deste modo de sermos, no episódio da ação. No episódio existencial.

O episódio existencial está matizado pela emoção. Expressivo de sua dialógica.

Não se trata, pois, de utilizar a emoção, como recurso metodológico, mas de aceita-la, afirmar, e permitir a sua expressão plena. Recordando, sempre, que o episódio existencial, o episódio existencial da ação, direciona-se à ação, mas é desproposital. Despropositivo.

Este caráter desproposital da ação, do episódio existencial, é da maior importância. E, da maior importância, saber manter o respeito por, e lidar com ele. A força da ação é a dialógica da possibilidade, e não qualquer propósito, conceitual, ou não. Deliberado, ou não. Desproposital, e inútil. Não pragmática a ação.

É importante estar consciente de que nunca é em vão lidar com a emoção. Fenômeno-lógica, a emoção tem a sua lógica. Mesmo que estritamente seja a lógica de seu sentido. Como dizia Deleuze.

Como a ação, a emoção não é uma hemorragia, sangria desatada. A emoção é natural e saudável.

A emoção tem os seus limites.

Que são os limites intrínsecos à possibilidade. E, tudo que a emoção pede, é expressão e atenção. Recebidas, a oportunidade da dialógica da expressão e da consideração, ela se esvai, como uma chama, satisfeita.

Na consideração, e lida com a emoção, reside muito da substância da arte gestaltificativa.

A emoção é uma dimensão do episódio da ação.

Que, em sendo moção é emoção.

A ação, é cognição pré-conceitual, e pré-reflexiva, é compreensão.

A ação é motivação; é criação gestaltificativa; é superação; e regeneração.

Todas estas dimensões gestaltificativamente integradas, que constituem a totalidade significativa do ato, do episódio existencial. Eminentemente gestaltificativo..

È necessário um senso gestaltificativo, que pode apreender o sentido destes elementos, e outros, como totalidade significativa, que são, diferentes da soma das partes.

ESTÉTICA DA EMOÇÃO. EMOÇÃO DA ESTÉTICA. E o trabalho em psicologia fenomenológico existencial dialógica

A emoção é eminentemente estética.

A estética, propriamente dita, é emocionada.

Isto é uma tautologia, e uma obviedade.

A estética é a abertura à emoção.

A estética, e a emoção, perfazem a ação.

A moção, a emoção, da atualização de possibilidades, do episódio da ação, o episódio existencial, move-se esteticamente, pela estesia. A atualização de possibilidades é a estica. A ação. O episódio existencial.

Sem estética não existe emoção. Sem emoção não existe a moção, a estesia, e sua emoção intrínseca. Não existe a estética.

A ética da estesia.

O 'estesio' é o vento de moções, que sopra numa determinada época do ano, na Grécia. E que impulsionava as velas dos navios, a fazerem-se ao mar, para as navegações.

Com o tempo, os gregos começaram a entender o impulsionamento do vento estesio como similar a força da vivência das possibilidades.

Vivência esta que eles designaram como estesia.

Ficando, como estética, este modo de sermos da estesia.

O modo de sermos do episódio existencial, da existência, da ação. O modo de sermos do desdobramento de possibilidades. As forças foças plásticas da ação. O modo pré-conceitual e pré-reflexivo de sermos do episódio existencial da ação.

A ação é eminentemente atualização de possibilidades.

A ação é, portanto, especificamente, estesia, estética.

A emoção é um dos componentes da ação, e dá-se ao modo de sermos da ação. A emoção é, especificamente, estética. E a estética, especificamente ação, emocionada.

Especificamente, o episódio fenomenológico existencial e dialógico da ação, o episódio estético da ação, é propriamente um fazer. E um fazer que, partindo da vivência de uma projeção fenomenológica, prima por vir a ser formativa, gestaltificativamente. Na duração do episódio da ação.

Refluindo quando concluso.

Ora, em sua temporalidade própria, a ação, e sua moção, emoção, percorrem um percurso formativo, um fazer. Da vivência da projeção, à vivência de sua conclusão.

A vivência deste percurso, que é um fazer, concluído, é um perfazer.

E o feito, um perfeito. Na perfeição feito. Um fato per-feito.

Efetivamente, o modo de fazermos estético é este.

Ainda que isto nada tenha a ver com o aspecto moral, atribuído normalmente ao termo perfeição.

Nem à comparação de seus resultados com um modelo ideal, abstrato.

Estética, a emoção é feita similarmente. A emoção é perfeita em sua estética. E é necessário que se dê tempo ao seu fazer.

A feição da emoção não tem a temporalidade cronológica.

Mas a temporalidade, dialogicamente poiética, de Kairós.

Da oportunidade que Kairós oferece com a dádiva de sua possibilidade, e do vir a ser da dialógica poiética de sua atualização. E perfeição.

De modo que, o caráter estético da vivência da emoção, coloca-nos os desafios de uma arte, no âmbito da metodologia dos trabalhos com a psicologia fenomenológico existencial dialógica. E não de técnicas.

De metodologias do acontecer, da ação. E não do acontecido.

ctrl
índice

OBJETIVO, SUBJETIVO. TRANSJETIVO. Corpo e consciência, na interinidade da momentaneidade instantânea do episódio existencial da ação.

Interessa... que a Epistemologia consegue fixar a posição do corpo, e da consciência, depois do decurso do episódio da ação, depois do decurso do episódio existencial. Mas não consegue lhe definir sua não geografia, durante o transcurso do episódio existencial da ação.

Transjetivos, transtransjetos. Nem sub-jetos, nem ob-jetos. Na interina duração do transcurso da ação, o corpo e a consciência, como compreensão, são transjetivos. Transjetos. Precisamos conhecer a idéia de transjetividade.

Diriam:

"Eu sou objetivo, tá ouvindo?!..."

"Que merda, eu consigo ser transjetivo..."

"Eu sou sujeito."

"Eu sou transjeito!"

O modo transjetivo de sermos é o modo de sermos da ação. Da ação muscular, da produção artística, da compreensão, da criação, da superação, do funcionamento grupal fenomenológico, do efeito terapêutico, do grupo, dos efeitos terapêuticos...

É o modo de sermos da duração da ação, da compreensão...

Isto é muito importante...

Nem objetivistas, nem subjetivistas, preocuparam-se com esta importantíssima questão.

Mais intensivamente, só os gestálticos, a ela se dedicaram. Como Fritz Perls, ou como os Psicólogos Humanistas; ou os existencialistas e fenomenólogos; ou os artistas, ou nós próprios, na efetiva intuição da recepção da arte,

Clarice Lispector, quando dizia, em *Água Viva*:

"... Eu quero captar o instante já.

Que de tão fugidio não é mais.

Cada coisa tem o instante em que ela é. Eu quero apossar-me do é da coisa.

Eu tenho medo ainda. Por que o próximo instante é imprevisível..."

Curioso.... Porque a condição de transjetividade, assim, é a condição própria da duração dramática da ação, a condição própria da possibilidade, da ação muscular, da consciência ativa, compreensiva...

O OB-JETO É UM AFASTAMENTO DO JETO

Ob-jeto é uma metáfora utilizada, justamente, a partir do caráter jetativo da existência, da ação. Estas sim jetativas.

Ob-jeto e sujeito, denotam o afastamento do jeto.

Objeto e sujeito não são existenciais. Não participam da duração da momentaneidade instantâneo do episódio da existência. Do episódio da ação.

Mas, o que seria o transjeto, a compreensão, e a musculação, participa da duração da momentaneidade instantâneo do episódio da existência. Do episódio da ação .

É pré-reflexivo, e pré-conceitual. E encarna, enquanto ação muscular, e enquanto consciência compreensiva, a duração, o transcurso da duração, do episódio da existência, do episódio da ação. Transjetivas.

Poderíamos dizer que o transjeto é o que age.

O que age muscularmente. E vivencia o transcurso da compreensão, na duração da ação, do episódio existencial da ação.

Enquanto tais, sujeitos e objetos são vivência da ação extinta. Na verdade, dejetos, dejetos (nos sentidos próprios das palavras, com ênfase no fato de que foram jetos). São coisas, instalações da coisa.

Assim, a transjetividade é da mais alta importância. Na medida em que designa o modo de sermos em que somos agentes da ação. O agente da ação muscular, e o agente efetivo da compreensão.

Usufrutuário, enquanto ator, das características da ação. Enquanto vivência da moção, da emoção, da compreensão, da pré-compreensão, da intuição, da motivação, da criação, da superação, da regeneração.

A transjetividade é a condição que buscavam os psicólogos fenomenológico existenciais. Sob a designação, um tanto perdida, de 'aqui e agora', 'awareness' em grande parte como a mágica da 'empatia'. Como a condição curativa de nós próprios. O pré-ente, a nossa condição de não coisa, o presente. A nossa condição curativa.

Justamente por isto, a condição da criação, e da superação.

A condição da ação. Na qual podemos ser dialógicos partícipes da ação. Muscular e cognitivamente. A condição da moção, da emoção, da compreensão, da intuição...

Metodologicamente, da mais alta importância.

ctrl
indice

POR UMA PSICOLOGIA DA TRANSJETIVIDADE

Temos uma Psicologia da subjetividade, uma Psicologia da objetividade (e como...).

E uma Psicologia da transjetividade?

Uma Psicologia da Ação, e da Compreensão?

Já anunciada por Brentano.

Porque a subjetividade, e a objetividade, a explicação, dizem respeito, ambas, ao modo coisa de sermos. Ao modo acontecido de sermos. E ensinam as PsicoLOGIAS da objetividade e da subjetividade, enquanto PsicoLOGIAS do acontecido.

E a Psicologia do acontecer, da ação?

O acontecer, a duração do episódio da ação, a ação, a dramática da ação, impregnam-se de importantes aspectos de Psicologia. Mas nunca se lidou razoavelmente com eles.

Modo de sermos do acontecer, é o modo de sermos propriamente existencial, a existência propriamente dita.

O modo de sermos da ação. Da moção existencial, e da emoção, da cognição qualitativa, a cognição propriamente dita, a compreensão; modo de sermos gestaltificativo da criação, da superação, e da regeneração...

Não são nem objetivo, nem subjetivo, porque estes termos - objetividade e subjetividade --, denotam a saída da ação. Metaforicamente, a saída da momentaneidade instantânea da duração deste jeto, deste jato, que é o episódio da ação. Um afastamento da ação.

O modo de sermos da ação não é um modo de sermos de afastamento do jeto do desdobramento de possibilidades. Mas é o próprio jeto da ação. Sob a forma de formação, gestaltificação, criação; compreensão, e ação muscular... É pré-reflexivo, e pré-conceitual. Além das citadas características de moção, e emoção; de implicação, compreensão, criação, superação, e regeneração...

A Fenomenologia existencial, Fritz Perls, e Carl Rogers, buscavam sair do paradigma de uma psicologia do acontecido, e adentrar uma Psicologia do presente, do acontecer.

Buscavam construir métodos para tal. E nisso ainda estamos.

Nos fundamentos ontológicos, epistemológicos, teóricos, e metodológicos.

ctrl
índice

CONSIDERAÇÕES SOBRE TRANSJETIVIDADE

A categoria de 'transjetividade' atende à lacuna deixada pelas idéias de 'objetividade' e de 'subjetividade'.

Os conceitos de objetividade, e de subjetividade, referem-se à condição de dejetos. À condição do acontecido. À condição de coisas instaladas.

Precisamos sempre, em Fenomenologia, em abordagem fenomenológico existencial, caracterizar e definir o modo de sermos da ação. Que não é nem a objetividade nem a subjetividade.

Na medida em que a ação, própria e especificamente, não é a experiência do acontecido, como na subjetividade e na objetividade. Mas a própria vivência da eventualidade do acontecer. Da eventualidade da ação.

Mas, perguntar-se-ia, o acontecer, a ação, são dotados de consciência?

Sim.

Mas não é nem a condição objetiva, nem a subjetiva.

Que são formas acontecidas, desesjetativas, reflexivas e conceituais, da consciência.

Mas a consciência pré-reflexiva, e pré-conceitual.

A transjetividade é, pois, pré-reflexiva e pré-conceitual. A vivência.

E, se a objetividade e a subjetividade são modo de sermos do acontecido, desjetivas --, projetativa, a transjetividade é a consciência vivencial, em seu acontecer fenomenológico existencial.

A consciência propriamente, no modo de sermos da ação.

Em que vivenciamos o jorro, o jeto, da compreensão, e da musculação, como desdobramento de possibilidades. AÇÃO.

Ora, em sendo a vivência que perdura na duração da instantaneidade momentânea do episódio fenomenológico existencial -- do episódio fenomenológico, do episódio existencial, da ação --, a transjetividade contém as características da ação.

Basicamente, como dizíamos, a transjetividade não é reflexiva, nem conceitual.

E isto não é pouco, enquanto característica.

Mas mais, neste sentido.

A transjetividade é atualização de possibilidades, a vivência da transjetividade não é, assim, nem objetiva, nem subjetiva. É pré-reflexiva.

Atualização de possibilidades, a vivência da transjetividade é especificamente desproposital. É um despropósito.

Esta fora das relações de causa e efeito. Não é causal.

Atualização de possibilidades, a vivência da transjetividade é formativa, criativa, gestaltificativa.

É o modo de sermos da superação. O presente de nosso salto para o futuro.

É o modo de sermos da regeneração.

Todas estas são características, em específico, da transjetividade.

Enquanto características do desdobramento de possibilidades.

Da ação, em seu acontecer.

ctrl
índice

TRANSJETIVIDADE 2.

O que se dá durante a duração do modo de sermos da 'transjetividade'?

Instantaneamente momentânea, transitória, interina (aliás como a subjetividade e a objetividade) o que acontece na duração da transjetividade?

O que acontece na duração da transjetividade?

Só acontece o desdobramento do acontecer. O desdobramento do episódio da ação, o desdobramento do episódio da existência. Ação compreensiva, e a ação muscular compreensiva. Como natural, e intrínseco, desdobramento das forças plásticas, que são as possibilidades. Na vivência do modo ontológico de sermos.

Porque a transjetividade é o próprio modo de sermos do acontecer.

Anteriormente à constituição da subjetividade e da objetividade.

Constituídas depois da vivência do presente, objetividade, e a subjetividade, são, propriamente, o passado. O modo do sermos do ente. A transjetividade é o modo de sermos do presente. O presente, além de ser o modo pré-coisa, pré-ente, presente.

E o presente é uma dádiva.

Qual a dádiva do presente.

A dádiva inerente ao presente é o possível. A possibilidade.

Poiética da dialógica da ação, em seu devir, dentre todos os impossíveis, a dádiva da vivência do presente são as possibilidades. As forças da ação.

Pois bem, o que acontece na duração da transjetividade é o desdobramento das possibilidades.

O que acontece no presente, aqui e agora, é a dramática da ação. A dramática da ação, do desdobramento de possibilidades, em seu caráter episódico de sístole existencial.

Ou seja, o episódio da sístole existencial da ação.

O episódio fenomenológico existencial da ação é a transjetividade.

Transjetivo, o episódio existencial da ação, o episódio existencial, constitui-se em ação muscular, e compressão.

Que configuram a ação, e atualizam o devir musculativo/compreensivo da dialógica poiética.

De modo que, como Buber diria, a duração da dialógica é toda ela ação.

Assim, o modo transjetivo de sermos é o modo de sermos da duração do episódio existencial da ação. Que é o desdobramento de possibilidades. O modo existencial da ação, é existência. Compreensão, e musculação compreensiva.

É moção, é emoção, é compreensão, é musculação compreensiva, é criação é superação...

A vivência da compreensão, enquanto cognição própria da duração da ação, constitui-se no âmbito da vivência transjetiva da implicação.

Que é o modo como se organizam as intensidades das forças da ação, as possibilidades.

Na vivência da implicação, as possibilidades são vivenciadas, desdobradas vivencialmente, compreensiva, e muscularmente, como o devir da ação.

Lógicas, na vivência transjetiva, as possibilidades, sempre múltiplas, competem e argumentam entre si.

E formam plexos (*plic. Gr.*) (*gr. Multiplicidade organizada*) de possibilidades.

Que são organizações da vivência da multiplicidade de possibilidades, dominâncias, das possibilidades, gestaltificações -- resultantes da competição, e da argumentação entre as possibilidades - no desdobramento de cada episódio existencial da ação. E que determinam a linha de ação.

Na vivência muscular e compreensiva, os plexos se sucedem, como experiência, num fluxo virtualmente contínuo. O fluxo da ação configura-se como compreensão e ação músculo-compreensiva. Isso é a implicação.

De modo que o devir da ação se dá como episódio existencial de desdobramento da ação; ou seja, de desdobramento de possibilidades, de desdobramento da compreensão, e da ação muscular compreensiva, e seus acidentes.

Isso caracteriza a ação. E, transjeto da ação, da existência, do desdobramento de possibilidades, é o que acontece na duração do jeto, do episódio da ação existencial, do episódio da existência.

Ao que poderíamos também indagar, o que acontece, como modo de sermos, no desdobramento da ação?

A transjetividade. O transjetivo.

Implicação, compreensão, e ação muscular compreensiva.

ctrl
índice

TRANSJETIVIDADE, O INSPECTADOR.

Costuma-se dizer que o sujeito é o agente da ação.

Nada mais errôneo. Duplamente.

Porque o sujeito não é o sujeito da ação.

E porque a ação não tem sujeito.

Quando o sujeito se constitui, assim como o objeto, a ação já se concluiu.

A subjetividade e a objetividade são próprias do acontecido da ação. E não de seu acontecer.

Na ação, em seu acontecer, a condição não é a da subjetividade, ou da objetividade, mas a da transjetividade.

E o agente da transjetividade, o ator, é o inspetador.

Explico-me.

A objetividade é reflexiva. Comporta a contemplação do objeto pelo sujeito, pelo sujeito. 'teórica, ou comportamental.

De modo que sujeito, e objeto, constituem-se, cindidamente.

E o sujeito contempla o objeto. O que se constitui teoricamente. Constituem o que chamamos de 'teoria'.

O sujeito constitui-se, assim, como um contemplador, um espectador, do objeto.

Passada a ação.

Sujeito e objeto, e sua relação teórica são dejetos.

Acontecidos.

A posteriori da eventualidade da vivência do desdobramento de possibilidades, que é a ação. Compreensão, e musculação.

Pré-reflexiva e pré teórica, a ação, nem o objeto, nem o sujeito, estão constituídos, na instantaneidade momentânea de sua duração.

De modo que não pode haver expectativa, nem expectativa, do objeto, pelo sujeito. O sujeito não pode contemplar o objeto.

No decurso da duração da ação o transjeito, a transjetividade, o ator, enquanto agente do decurso da ação, em não sendo um espectador, é um inspetador.

Uma vez que não só não é um espectador, mas é intrínseco partícipe da perspectiva, perspectivação, da ação,

Por isso inspector.

Que participa da dialógica com o possível, que é a ação.

Mas, em sendo o eu de uma dialógica eu-tu, em momento algum é um sujeito, mas agente de uma dialógica, diapoietica.

Ou o tu um objeto.

Trasjetos, transjetos inspectores.

É esta a nossa condição no transcurso da duração da vivência da atualização de possibilidades, que é a ação.

Na transjetividade da ação.

ctrl
índice

JETO, DEJETOS E TRANSJETIVIDADE

A designação e o conceito de *objeto* (*afastamento do jeto*), e de *sub/jeto* –um *objeto*, também -- pressupõem o modo ontológico de sermos.

Especificamente, como *jeto*.

No modo *projeto* de sermos.

À medida que o vigor do modo ontológico de sermos precede a vigência do ente. O *près-ente* precede o ente.

A *ação*, o modo ontológico de sermos, fenomenológico, e existencial, é assim desdobramento de forças eminentemente plásticas, formativas, gestaltificativas, as *possibilidades* E, por isso, *jeto*. *Jato*.

Jeto, o modo ontológico de sermos -- o modo coisa de sermos, do acontecido, o modo ôntico, em específico, é *dejeto*.

Já não é mais jeto. Já não é mais possibilidade, força, e desdobramento de possibilidades.

Objetividade, e subjetividade são, portanto, *dejetos*.

Já que o sujeito, e objeto, só se constituem em sequência ao episódio do modo ontológico, fenomenológico existencial de sermos. Que não comporta sujeito e objeto, subjetividade e objetividade.

A ação, que constitui o modo ontológico de sermos, é jeto.

O acontecer, o fenomenal, e existencial -- o modo ontológico, fenomenológico existencial, o presente -- é jeto.

O modo ôntico de sermos, o passado, o ente, a coisa, não fenomenológica, nem existencial, a coisa, é *dejeto*.

Dejetos, a subjetividade e a objetividade, o objeto, e o sujeito, contrapõem-se a transjetividade.

Caracterizada como a vivência, cognitiva -- compreensiva --, e muscular, do desdobramento de possibilidades, a ação.

Que, ação, é drama, dramática.

Dejeto, o modo ôntico de sermos, diferentemente do modo ontológico de sermos, estrutura-se na polarização sujeito/objeto. Dejetos.

Na qual, cognitivamente, explicação, extensão, caracteristicamente, o sujeito contempla o objeto.

Mais, especificamente, objeto contempla objeto.

O sujeito, objeto, dejetivo, é expectador, espectador --, na medida em que é dejetivo --, contempla o objeto, dejetivo, no modo reflexivo, teorético, de sermos.

Na medida em que se dobra, flete-se sobre o objeto. No modo acontecido de sermos. No qual só há repetição. O que caracteriza a Reflexão.

É o que se chama de *teórico, teoria*. Teorética.

A dicotomia sujeito/objeto implica, assim, uma forma de cognição particular. Desjetiva. A forma teórica, reflexiva.

A subjetividade, e a objetividade, desjetividade, não poética, é reflexiva, conceitual, teórica, reflexiva. Repetitiva.

Já a cognição fenomenológica, e existencial, eminentemente poética, dá-se Anteriormente à constituição do modo coisa de sermos, do sujeito, e do objeto, não se funda numa dicotomia. Não é objetiva, nem subjetiva, desjetiva, já que, em sua poética, desdobramento de possibilidades, ação, é jetiva, Anterior ao modo de sermos em que se constituem o sujeito e o objeto.

O ator é *inspector*, na medida em que íntegro, é parte da perspectiva fenomenológico existencial da ação. Ontológico.

Se o sujeito é expectador. O ator é inspector. Da perspectiva fenomenológico existencial da ação.

E -- se a subjetividade, e a objetividade, expectativas que são, são dejetivas --, a transjetividade é especificamente jetiva. Na duração da vivência, poética, a poética dramática da ação, fenomenológico existencial.

A ação não é subjetiva nem objetiva, mas, em específico *transjetiva*.

Especificamente, *Inspectorativa, antes que expectativa*.

Nem objetividade nem subjetividade.

Mas transjetividade. Inspectorativa. Na duração da dialógica poética do episódio do desdobramento de possibilidades, da ação.

O ator é inspector, na medida em que vivencia, transjetivamente, na duração da momentaneidade instantânea do episódio da dramática da ação -- a própria perspectiva poética da ação.

Na duração do episódio fenomenológico existencial da ação --, a duração da dramática da ação é transjeto, transjetiva, transjetividade.

Ao invés de objetiva/subjetiva; objetividade/subjetividade.

A transjetividade do modo ontológico de sermos é, especificamente, preconceitual. A subjetividade e objetividade, o modo ôntico de sermos, em específico, é conceitual, e reflexivo.

Cada episódio ontológico da vivência do desdobramento de possibilidades -- episódio da fenomenológica existencial da ação, desdobramento de forças --, desenvolve-se intensionalmente, a partir da

vivência de uma multiplicidade de forças, as possibilidades. Que se organizam em *plexos -- plics*. Na intensionalidade do processo da *implicação*. *Que constitui a ação*.

O modo ôntico de sermos é *explicação*. *Ex-tensão*.

Cognitivamente, o sentido se constitui, na ação, como *compreensão*. *Durante a* vivência da duração do episódio da ação, da implicação.

Na vivência da duração do episódio fenomenológico existencial da implicação, o sentido, que se dá como compreensão, aufere a sua especificidade e riqueza da força e da multiplicidade de possibilidades, organizadas nos *plexos* paroxísticos da ação. Os *plexos - plic, repetimos - são multiplicidades organizadas*.

Essa multiplicidade de possibilidades, no processo intensional do episódio da implicação da ação decai, ao longo de sua duração específica.

No ponto mais baixo do decaimento das forças da multiplicidade de possibilidades, a dramática da ação se coisifica, e se extingue, constituindo o modo ôntico, explicativo, coisificado, de sermos. Que é este empobrecimento e extinção da força e riqueza das possibilidades.

Este processo de reificação, coisificação, da ação é o que entendemos como *conceituação*.

O modo ôntico de sermos é, em específico, conceitual.

O modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial, da duração da vivência da ação, é, em específico, pré-conceitual.

CONCEITUAÇÃO. O TEMPO, O CONCEITO, E O PRECONCEITO. O conceito e o Tempo.

- INTRODUÇÃO
- CONCLUSÃO
- TEMPORALIDADE E CONCEITUAÇÃO. E O TEMPO CRÔNICO DO CONCEITO
- DECAPITAÇÃO, DECEPAÇÃO, CONCEITUAL. E CONCEITO.
- DESTEMPÊRO. O TEMPO DA MISTURA, E A EXPLICATIVA COMPORTAMENTAL DO PRECONCEITO. PRECARIZAÇÃO DA ONTOLÓGICA INSISTENCIAL, DA EPISTEMOLÓGICA COMPREENSIVA DA IMPLICAÇÃO. ... E DA EXPLICATIVA.
- INTRODUÇÃO
- CONCLUSÃO
- INTRODUÇÃO

É interessante considerar que, em específico, o conceito é coisa, acontecido. Um tipo de excrescência, excretude, concrescência, concretude, explicativa, da duração da momentaneidade instantânea de episódio da implicação. Explicação.

A conceituação, ao contrário, que o precede, é vivência fenomenológico insistencial de ação.

Fenomenológica, pré-coisa, atualidade e presença. É acontecer. A conceituação é ontológica, ação, implicação. Fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa.

O conceito é ôntico, ente, objeto, explicação. Que não é presença nem atualidade.

É interessante considerar as próprias e específicas condições e características que disto derivam.

CONCLUSÃO

O conceito, em suas características de acontecido, própria e especificamente deriva da conceituação.

A conceituação é vivência do acontecer fenomenológico da ação.

A ontológica e a epistemológica do conceito demandam uma dedicação própria às características interpretativas, hermenêuticas -- no sentido fenomenológico compreensivo --, da ontológica fenomenológica da conceituação. Da ontológica da ação.

Nietzsche diria, a temporalidade da Filologia.

O que permite a boa qualidade, não só da vivência ontológica ativa, fenomenológico insistentia, epistemológica, epistemogênica, epistemocoativa, assim hermenêutica -- como do próprio processo da hermenêutica, compreensiva e implicativa, formativa, da unidade, da clareza, da objetividade do conceito. Como coisa.

Como toda vivência ontológica, fenomenológica -- como vivência do desdobramento de possibilidades, ação --, a vivência da conceituação é um pulsar, que se desdobra em começo, meio e fim. Concluindo-se num anticlímax. Em que as forças múltiplas, e compreensivas, da implicação da ação apuram-se dramática e compreensivamente -- na formação do que vão ser as grandes linhas da abstração conceitual. Constituída a abstração conceitual, a seguir definham, e fenecem.

Restando, enquanto experiência da abstração conceitual, apenas os grandes eixos da formação apurativa da conceituação. A unidade, a clareza ônticas do conceito. Sua instalação como coisa.

Isto significa que, a apuração conceitual implicativa, a apuração formativa, e hermenêutica do conceito é, enquanto vivência ontológica, a vivência dialógica de uma temporalidade própria e específica, a temporalidade da momentaneidade instantânea da ação, em suas características e condições particulares.

Que envolvem o momento da emergência de uma multiplicidade de forças, na implicação, a apuração delas, num processamento ontológico de competições e argumentações, e a constituição dos eixos predominantes da abstração conceitual.

Coisificando-se e fenecendo as demais forças, em seus vários níveis, da implicação conceitual, em seguida à constituição dos eixos principais desta abstração.

Em suas características ontológicas -- fenomenológico insistentiais e dialógicas, compreensivas, implicativas, gestaltificativa --, a vivência da temporalidade da ação, da implicação, da conceituação, é: pré-reflexiva, e pré-conceitual, é não causal, desproposital, é inútil, não pragmática, e irreal.

Diversa e heterogênea com relação às características do modo acontecido de sermos. Modo acontecido de sermos do conceito, da abstração conceitual.

Que é ôntico, explicativo (não implicativo), reflexivo, teórico, causal, útil, pragmático, e real, reificado...

A vivência própria da ontológica da temporalidade da conceituação demanda uma dedicação a suas características próprias, em particular a esta sua temporalização.

Que envolve o surgimento e o desdobramento da multiplicidade de forças da implicação, a sua apuração, enquanto ação compreensiva; e a constituição do conceito, explicativo. Com a decapitação, pelo decaimento, da maior parte das forças que apuraram para a constituição dos eixos principais da abstração conceitual. Do conceito.

Este processo fenomenológico hermenêutico, em suas características próprias, constitui um todo, com começo, meio, e fim... Levando, da vivência do ontológico, à experiência ôntica; da vivência da compreensão, e da implicação, à experiência da explicação; da atualidade da presença do acontecer, à coisidade do acontecido. Da conceituação, ao conceito.

A duração da instantaneidade momentânea do modo ontológico de sermos pode ser invadida e interrompida, disruptivamente, pelas características do modo acontecido de sermos.

Na forma do comportamento proposital e deliberado. Invasão esta que precipita o processo da vivência ontológica, precipitando, disruptivamente, o processo da conceituação.

Resultando num conceito pobre, aquém de suas possibilidades. Ou no puro e simples preconceito.

Na conceituação, a epistemologia ontológica compreensiva e implicativa, fenomenológico insistencial e dialógica; e, efetivamente, a própria epistemologia explicativa dependem de um respeito à, e uma dedicação a, um usufruto, da duração da momentaneidade instantânea da temporalidade da vivência ontológica. Fenomenológico insistencial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa.

Sob o risco do empobrecimento substancial do conceito. Ou de operar na mera produção, e operação, do preconceito.

Operado, equívoca ou oportunisticamente, pela precipitação explicativa da implicação.

TEMPORALIDADE E CONCEITUAÇÃO. E O TEMPO CRÔNICO DO CONCEITO

Fundamentalmente, medeia uma questão de tempo entre a vivência da conceituação, e o conceito,

Própria e especificamente, a questão da duração da vivência da temporalidade ontológica da ação. Implicação.

Já que, ontológica, a conceituação, especificamente, é a vivência da ação. A vivência ontológica de sua temporalidade, como ação, implicação. Fe-

nomenológica insintensial, e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa.

E, ainda enquanto tal, a culminância da momentaneidade instantânea do episódio de seu pulsar, sua necessária culminância, portanto – a culminância da conceituação –, no modo acontecido de sermos. Própria e especificamente, explicativo. A sua culminância no decurso inerte do tempo cronificada do conceito; na sua própria instalação, enquanto coisa. A coisa conceito.

Que assim prevalece, até o momento estético da estalação de sua instalação, pela poética de seu eterno retorno ao possível. Uma vez mais, o retorno da vivência da ação.

Ontológica, a vivência da conceituação é, propriamente, a vivência da duração da temporalidade fenomenológica da ação, da implicação.

O que quer dizer, a vivência propriamente da temporalidade própria do desdobramento do possível, do desdobramento de forças plásticas, criativas, as possibilidades, enquanto a instantaneidade momentânea da ação. A vivência da hermenêutica, a hermenêutica da vivência da ação.

A hermenêutica explicativa depende da hermenêutica compreensiva.

Fenomenológico insintensial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa. Ou seja, especificamente pré-reflexiva, não causal, desproposital, inútil, irreal. Ainda que moção, comoção insintensial, emoção, cognição fenomenológica, fenomenativa; criação, superação, e regeneração --, não obstante.

Coisa, instalação da coisa, a experiência do conceito é a experiência do acontecido.

Efetivamente, enquanto tal, o conceito é atemporal, atemporativo, a atemporalidade. Ex-tensão, coisa instalada, não é mais desdobramento.

No sentido de que o seu tempo é o tempo inerte, a inércia, da coisa. O tempo crônico, o tempo cronificado do acontecido, do passado...

Distinção de tempo e atemporalidade, medeia entre a possibilidade da conceituação e a realidade do conceito. A hermenêutica da temporalidade fenomenativa da ação, da implicação.

Até a culminância, e anti clímax, da culminância de sua duração, no modo de sermos -- que, em específico, não é implicação --, no modo de sermos da explicação.

Assim sendo, a unidade, a clareza e a distinção apolíneas do conceito; a unidade, a clareza e a distinção apolíneas do conceitual, só resultam efetivas enquanto tais, depois que, chegando à explicação, fenecem as potências múltiplas da temporalidade dionisíaca da implicação. No transcurso fenomenológico da ação. Da conceituação.

Apuração hermenêutica, própria e inerente à duração da vivência da temporalidade múltipla e potente das forças ativas, criativas, formativas, da implicação.

Que, fatalmente, direcionam-se, decadentemente, na momentaneidade instantânea da ação, de seu pulsar, em direção ao fato, ao acontecido. À facticidade, do conceito.

Em toda a sua unidade, clareza, e distinção apolíneas. Conceituais.

Ao se exaurirem, assim, as forças múltiplas da ação, da implicação, na vivência da conceituação, elas se coisificam, no conceito.

DECAPITAÇÃO, DECEPAÇÃO, CONCEITUAL. E CONCEITO.

Desculpe esta primeira metáfora, mas é análogo a uma lepra seca. Na qual os dedos, os membros, vão se desvitalizando, fenecendo, morrendo; até caírem...

Ou como o belo e colorido molde em plástico da árvore vascular de um órgão. Depois do órgão morto, e retirado todo o tecido orgânico vital.

Analogamente, assim é a constituição do conceito, como resultante do decaimento das múltiplas forças da implicação, na vivência da duração do episódio de seu pulsar, na duração do episódio da ação... Na vivência da duração da temporalidade da conceituação. E de constituição da coisa, o conceito coisa, a coisa conceito, em sua instalação.

Maravilhoso objeto de estudo, o molde em plástico... Para a Anatomia Patológica...

E quão diverso da maravilha do órgão vivo, e funcional. Com a atividade de todos os seus vasos vivos, até à micro capilaridade dos espaços intersticiais do tecido.

Analogamente, só que muito mais ricas e ativas, assim é a multiplicidade, e a multiplicação, de forças criativas da vivência da duração da momentaneidade instantânea da ação, da implicação, da conceituação. Com seus elementos múltiplos, multitudinariamente, interagindo, apurativamente, na constituição da dramática fenomenológica da ação, da implicação.

Como o ciclo diário do sol, no seu momento de intensidade máxima, o pulso da reiteração do episódio da momentaneidade instantânea da ação é sucedido por um declínio. E, ao declinarem, decaem, e fenecem, as forças que, como implicação, se constituíram como a ação – compreensiva, e musculativa. Na conceituação, em particular.

Resta o que, analogamente, seria o molde de plástico da árvore vascular.

Com seus vasos e sua rede vascular plastificados, acontecidos, mortos.

Prestes a precipitarem-se numa inexorável decapitação e decepção.

Até que, decapitados, só restem, tétricos, devidamente enrijecidos, unificados e claros, conspícuos, os seus eixos principais.

Na analogia, os eixos principais restantes são os conceitos.

Em sua unidade e clareza individual – desabilitados e desprovidos da multiplicidade da implicação. Efetivamente mortos, acontecidos, tétricos em sua rigidez.

Mas este é, apenas, o momento da instalação conceitual, da instalação da coisa, da instalação desta coisa que é o conceito.

Instalação que permanece -- não como duração, mas como inércia --, até o momento em que a estética estala a instalação da possibilidade na coisa conceito, no conceito coisa.

E este retorne, por seu turno, à abertura da momentaneidade instantânea da vivência do desdobramento da possibilidades.

De modo que, mais uma vez, possível, ele retorne revoltosamente à ação, conceituação. À Implicação.

Inexorável, a conceituação, como toda ação, direciona-se e conclui-se, em seu decaimento, na precipitação, a ciptação, da decapitação, conceitual.

A toda conceituação -- ontológica, fenomenológica existencial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa -- segue-se a constituição ôntica do conceito – acontecido, desistencial, não dialógico, em sua inércia e cronicidade dura de coisa, explicativo...

Para isto, um decaimento e fenecimento da multiplicidade de suas forças implicativas, e a decapitação, a decepção, do que não forem os seus eixos principais. Acontecidos, coisificados.

Não há, então, porque temer. Como prometido, a conceituação, inexorável e irreversível, no conceito resulta.

Não obstante, cumpre considerar que, como ação, ontológica, em específico, a conceituação, implicação, é a vivência fenomenológica, dedicada e hermenêutica, de uma temporalidade própria. Ontológica, e epistemologicamente, cumpre a consideração, e a dedicação, à temporalidade própria à ontológica da conceituação.

Pré-reflexiva, pré-conceitual, não causal, desproposital, inútil, irreal...

Mas moção insistencial, ação, moção, emoção, cognição, criação, superação, motivação, regeneração...

Na sua culminância de desdobramento da instantaneidade momentânea da duração desta temporalidade, dá-se a decapitação natural da multiplicidade de forças ativas... No seu anticlímax, a conceituação entrega-se ao conceito... Ao conceito, bem fornido, e bem constituído...

Natural...

DESTEMPÊRO. O TEMPO DA MISTURA, E A EXPLICATIVA COM-
PORTAMENTAL DO PRECONCEITO.

PRECARIZAÇÃO DA ONTOLÓGICA INSISTENCIAL, DA
EPISTEMOLÓGICA COMPREENSIVA DA IMPLICAÇÃO. ... E DA
EPISTEMOLÓGICA EXPLICATIVA.

Má epistemologia, entretanto, precária epistemologia, é não se dar à de-
dicação própria, à vivência da duração da temporalidade ontológico da ação,
implicação. Da conceituação.

Desqualificando-se este tempo.

Pela imposição, e impostura, do preconceito.

Ou desqualificando-se a vivência da duração desta temporalidade da
conceituação, pela precipitação...

A 'cipitação' é a culminância natural da vivência da duração da
conceituação, que resulta no conceito.

Ontológica, como ação, implicação, a conceituação -- a decepção dos
elementos da árvore multitudinária de forças da vivência da implicação, depois
que elas decaem, e fenecem, na sua atualização -- é a sua natural, e
desproposital, culminância. Processo no qual desvelam o conceito, como
acontecido, em sua unidade, clareza e pureza apolíneas.

A precipitação pode invadir, como cipitação prematura -- deliberada, re-
flexiva, causativa, utilitária, realista --, o modo desproposital de sermos da ação,
da implicação, da conceituação. E determinar um prematuro corte, precipitado,
precipitante, da multiplicidade de forças da implicação. Processo este que,
naturalmente, se daria, em sua efetividade ontológica, na culminância da
vivência da natural duração pré-reflexiva da conceituação.

Precipitado, precipita desta forma, o conceito, por uma prematura
decapitação, precipitação, da implicação. Da ação. Da ação da conceituação...

Precipitado, prematuro, o corte da implicação determina uma pré-
conceituação.

A constituição de um conceito pobre, aquém de suas possibilidades.

Ou a mera intromissão de um preconceito. Um conceito predeterminado,
precário e fraudulento. Resultante do prejuízo, da prejudicação, da vivência
própria da ontológica e da epistemológica da ação, da implicação. Da conceitu-
ação. E da intromissão fraudulenta de um conceito prévio.

Assim, o conceito pobre ou deliberadamente empobrecido, e a intromis-
são, são as consequências da precipitação da momentaneidade instantânea da
implicação, na conceituação.

Como ocorre com o termo precipitação, são dois os sentidos do termo
preconceito.

Precipitado é todo o vigor da vivência pré-reflexiva, anterior ao decaimento, e ao fenecimento, das forças ativas, criativas, da ação, da implicação. No caso, da conceituação.

A cipitação dá-se, naturalmente, a seguir, a decapitação, dos membros do esqueleto das forças -- decaídas e desnaturadas, fenecidas --, da implicação.

Toda invasão do ôntico, anterior a cipitação natural é pré-cipitação. Plenamente vigorosa, e não pré-matura.

Precipitado é o corte prematuro destas mesmas forças, ainda ativas. E que naturalmente resulta não no conceito, em sua instalação de coisa. Mas na coisa preconcebida que é o pré-conceito.

Mas todo o vigor da vivência implicativa intensional da duração da temporalidade da ação, da implicação, da paulatina apuração do sentido -- promovida pela interação das forças múltiplas da implicação, anteriormente à natural decapitação, que sucede ao seu decaimento e fenecimento --, é prévia, e prepara, na conceituação, o conceito.

É pré-conceitual, e assim, prepara. o conceito.

Preconceitual no sentido de que é anterior, e prepara, o conceito.

Toda a vivência da ação, da implicação, na instantaneidade momentânea de sua duração, especificamente é preconceitual.

Naturalmente resulta no conceito. Mas não em sua precipitação...

Toda a vivência da conceituação é especificamente, assim, pré conceitual. Na medida em que é o processo anterior à constituição do conceito, e o prepara, e o gera, e determina.

Mas o termo pré-conceito também remete ao conceito pré-maturo, imaturo, o preconceito. Determinado pela inconclusa vivência da conceituação, e sua precipitação conceitual, a precipitação de sua cipitação. Resultando na tosca elaboração, e empobrecimento do conceito, em sua constituição, em sua conceituação.

E dando espaço -- não para a ativa, implicativa, constituição fenomenológica do conceito --, mas para a específica imposição do preconceito. Quer seja pela pobreza conceitual resultante. Quer seja pela imposição fraudulenta de um conceito prévio. Com o intuito de interromper a efetiva conceituação.

INTRODUÇÃO

É interessante considerar que, em específico, o conceito é coisa, acontecido. Um tipo de excrescência, excretude, concrecência, concretude, explicativa, da duração da momentaneidade instantânea de episódio da implicação. Explicação.

A conceituação, ao contrário, que o precede, é vivência fenomenológico insistencial de ação.

Fenomenodialógica, pré-coisa, atualidade e presença. É acontecer. A conceituação é ontológica, ação, implicação. Fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa.

O conceito é ôntico, ente, objeto, explicação. Que não é presença nem atualidade.

E é interessante considerar as próprias e específicas condições e características que disto derivam.

CONCLUSÃO

O conceito, em suas características de acontecido, própria e especificamente deriva da conceituação.

A conceituação é vivência do acontecer fenomenodialógico da ação.

A ontológica e a epistemológica do conceito demandam uma dedicação própria às características interpretativas, hermenêuticas -- no sentido fenomenológico compreensivo --, da ontológica fenomenológica da conceituação, da ontológica da ação. Nietzsche diria, a temporalidade da Filologia . O que permite a boa qualidade, não só da vivência ontológica ativa, fenomenológico insistencial, epistemológica, epistemogênica, epistemocoativa, assim hermenêutica -- o próprio processo da hermenêutica, compreensiva e implicativa, formativa, da unidade, da clareza, da objetividade do conceito.

Como toda vivência ontológica, fenomenológica, como vivência do desdobramento de possibilidades, ação, a vivência da conceituação é um pulsar, que se desdobra em começo, meio e fim. Concluindo-se num anticlímax. Em que as forças múltiplas, e compreensivas, da implicação da ação apuram-se dramática e compreensivamente -- na formação do que vão ser as grandes linhas da abstração conceitual. Constituída a abstração conceitual, a seguir definham e fenecem. Restando, enquanto experiência da abstração conceitual, apenas os grandes eixos da formação apurativa da conceituação. A unidade, a clareza ônticas do conceito.

Isto significa que a apuração conceitual implicativa, a apuração formativa, e hermenêutica, do conceito é, enquanto vivência ontológica, a vivência dialógica de uma temporalidade própria e específica, a temporalidade da momentaneidade instantânea da ação, em suas características e condições particulares.

Que envolvem o momento da emergência de uma multiplicidade de forças, na implicação, a apuração delas, num processamento ontológico de competições e argumentações, e a constituição dos eixos predominantes da abstração conceitual.

Coisificando-se e fenecendo as demais forças, em seus vários níveis, da implicação conceituativa, em seguida à constituição dos eixos principais desta abstração conceitual.

Em suas características ontológicas -- fenomenológico insistentiais e dialógicas, compreensivas, implicativas, gestaltificativa --, a vivência da temporalidade da ação, da implicação, da conceituação, é: pré-reflexiva, é não causal, desproposital, é inútil, não pragmática, e irreal.

Diversa e heterogênea com relação às características do modo acontecido de sermos. Modo acontecido de sermos do conceito, da abstração conceitual.

Que é ôntico, explicativo (não implicativo), reflexivo, causal, útil, pragmático, e real...

A vivência própria da ontológica da temporalidade da conceituação demanda uma dedicação a suas características próprias, em particular a esta sua temporalização. Que envolve o surgimento e o desdobramento da multiplicidade de forças da implicação, a sua apuração, enquanto ação compreensiva; e a constituição do conceito, explicativo. Com a decapitação, pelo decaimento, da maior parte das forças que apuraram para a constituição dos eixos principais da abstração conceitual. Do conceito.

Este processo fenomenológico hermenêutico, em suas características próprias, constitui um todo, com começo, meio, e fim... Levando, da vivência do ontológico, à experiência ôntica; da vivência da compreensão, e da implicação, à experiência da explicação; da atualidade da presença do acontecer, à coisidade do acontecido. Da conceituação, ao conceito.

A duração da instantaneidade momentânea do modo ontológico de sermos pode ser invadida e interrompida disruptivamente pelas características do modo acontecido de sermos. Na forma do comportamento proposital e deliberado. Invasão esta que precipita o processo da vivência ontológica, precipitando disruptivamente o processo da conceituação.

Resultando num conceito pobre, aquém de suas possibilidades. Ou no puro e simples preconceito.

Na conceituação, a epistemologia ontológica compreensiva e implicativa, fenomenológico insistential e dialógica; e, efetivamente, a própria epistemologia explicativa dependem de um respeito à, e uma dedicação à, um usufruto, da duração da momentaneidade instantânea da temporalidade da vivência ontológica. Fenomenológico insistential e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa.

Sob o risco do empobrecimento substancial do conceito. Ou de operar na mera produção, e operação, do preconceito.

Operado, equívoca ou oportunística ou desinformadamente, pela precipitação explicativa da implicação.

BIBLIOGRAFIA

ALBETAZZI, Lilian The School of Franz Brentano.

BUBER, Martin Eu e Tu.

PIMENTA, Silvia Crítica do Conceito de Consciência na Filosofia de Nietzsche. Relume-Dumará.

ctrl

índice

A EMPATIA É A COMPAIXÃO

Hoje muito se fala de 'empatia', mas pouco se entende dela, e pouco se lhe pratica. Há uma certa moda da empatia. Que pode fossilizá-la num jargão, e num preconceito

Sobretudo, empatia não é *colocar-se no lugar do outro*. O outro não é um lugar. Isso é herança, desinformada, do objetivismo. *Se eu estiver no lugar do outro, quem estará no meu lugar?*

Cabe a Carl Rogers o ter resgatado a empatia, e a ter constituído como um importante elemento de sua Psicologia, e Psicoterapia.

Mas, mesmo no âmbito de sua abordagem, o conceito é mal compreendido.

Milita contra sua compreensão o individualismo, e o objetivismo atrozes, prevaletentes na sociedade norte americana, e em grande parte do pobre mundo dito 'civilizado'.

Rogers conseguiu relativizar o individualismo, e o objetivismo, constituindo-se heterogeneamente, em relação ao meio norte americano. Por ater-se à fenomenologia da compreensão, e por ater-se a dialógica, de Martin Buber. E, assim, conseguiu salvar sua idéia de empatia.

Ouvi, certa vez, Maureen Miller -- que trabalhou bastante proximamente com Carl Rogers, e era Irlandesa -- dizer que, perguntado se nada tinha melhorado na Psicologia, Ronald Laing teria respondido:

-- Hoje fala-se mais de 'empatia'.

Quem conhecesse as idéias de Laing, sabe a importância que ele dava ao que estava querendo dizer.

Não que ele fosse um mestre da compreensão da empatia. Ele era só um Britânico, existencialista, em busca de caminhos.

Mas intuía o significado da comunicação e da relação inter-humana para o ser humano.

Carl Rogers também. Não era um mestre teórico da empatia.

Mas teve uma coerência sólida em aderir à perspectiva da compreensão, como elemento metodológico, como elemento epistemológico, e ontológico de seu paradigma.

Só quem entende o que é a cabeça dura, e a disseminação, do objetivismo nos Estados Unidos, e alhures, pode entender como foi heróica a resistência de Carl Rogers, na perspectiva da compreensão, nos EUA, e no mundo...

Isso apenas com o conhecimento de lampejos de uma Ontologia e de uma Epistemologia fenomenológicas.

Carl Rogers falava de *compreensão empática*.

Como se houvesse outra...

Como se não fosse todo *pathos compreensivo*, e *páthica* toda *compreensão*.

Porque *empatia* é a vivência do *pathos* -- no sentido Grego, e não no sentido Romano. *A pathética. A sensibilidade emocionada*.

E a vivência do *pathos*, a empatia, pré-conceitual e pré-reflexiva, é, por definição, a constituição cognitiva do desdobramento da ação. *A compreensão, a compreensão, cognitiva, do desdobramento da ação*.

Além de *compreensivo*, o *pathos* é o modo de sermos do movimento, da movimentação, enquanto atualização de possibilidades, da *moção*, da *motivação*, e da *emoção*. O modo de sermos da *sensibilidade emocionada*. O modo de sermos da *emoção*. Da *compreensão* e da *emoção*.

'Empatia' quer dizer, na vivência do 'pathos'. No sentido Grego. A *compreensão* é o elemento cognitivo do 'pathos'.

Rogers deu-se conta da questão da *compreensão*. E fez dela a sua trincheira ontológica, epistemológica, e metodologicamente. Negando-se, metodologicamente, ontologicamente, epistemologicamente, à explicação.

Algo atabalhoada e romanticamente, Carl Rogers intuiu a importância da ação.

Ainda que não tenha entendido a conexão entre empatia, *pathos*, *compreensão*, e ação. Talvez fosse pedir demais para seu tempo e lugar.

O importante, é que, nas suas experimentações, a adesão à *compreensão*, e ao *pathos*, à empatia, à *sensibilidade emocionada*, à *emoção*, abriu o caminho para que Rogers se abrisse a uma perspectiva fenomenológica, e dialógica. E se descolasse do objetivismo, e do individualismo. Abrindo um caminho, no âmago da civilização ocidental, e da cultura norte americana para a empatia, para a *compreensão*, para a *compaixão*.

Porque a empatia diz respeito ao modo ontológico, fenomenológico existencial, de sermos. Que é a nossa *sensibilidade emocionada*, o modo de sermos da *emoção*. Eminentemente da ordem da *compreensão*. E o modo ontológico de sermos não comporta o objetivismo e o individualismo.

Porque, nos episódios fenomenológicos do modo ontológico de sermos, nos episódios da ação, da existência, não vigoram nem objetos, nem sujeito; não somos nem objetos, nem sujeitos. O mundo não é nem objeto, nem sujeito.

Já imaginou um modo de sermos em que não somos nem objetos, nem sujeitos. Em que o mundo, e seus elementos, não são nem objetos nem sujeitos?

É o modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico.

Modo de sermos da ação. A existência.

De uma só tacada, vão-se, na vivência do modo ontológico de sermos, o objetivismo, e o individualismo.

Porque, simultaneamente, o modo ontológico de sermos, modo de sermos da empatia, é, necessariamente, tanto fenomenológico, quanto dialógico. É o modo de sermos em que não somos, e mundo não é, nem sujeito, nem objeto.

Ainda que se configure, a cada momento de sua vivência, na dramática interativa de uma dualidade -- que não é a dicotomia sujeito-objeto, mas a dialógica --, eu-tu.

Em que eu e tu, necessariamente vinculados, pela esfera do 'entre', compartilham não só o sentido e sua produção, mas a poiese, a ação, sua produção e desdobramento.

Um aspecto crucial, na dialógica do modo ontológico de sermos, *sine qua non*, é que ela faculta, como condição imprescindível, que eu tome conhecimento do outro, e o confirme.

E que esta tomada de conhecimento e confirmação sejam recíprocos. Mesmo que seja apenas no conflito, na disputa.

Esta tomada de conhecimento, e confirmação recíprocos, e inerentes ao dialógico, é a compaixão.

Ao descobrimos, no modo de sermos da *sensibilidade emocionada*, que o outro não é um preconceito, nem um conceito, que o outro é como nós.

Que luta para viver, que ama, que sofre...

O que não é possível, quando guerreamos com conceitos e preconceitos, e não interagimos com outros, como nós. O que, igualmente, não é possível, quando o outro é apenas uma utilidade, ou um objeto.

Buber diria: *o objeto há que consumir-se para tornar-se presença...*

Laing diria, *não encontraremos pessoas tratando-as apenas como objetos...*

Nenhuma palavra, talvez, seja tão gasta ou distorcida como a simples 'compaixão'.

Ficou carregada do sentido Cristão de piedade. E nada tem a ver com isso. Trata-se da idéia como concebida nas civilizações orientais, de vivência pática.

A mera descoberta que, completamente diferente, de que o outro é similar a nós. Dialógica da empatia. Compaixão. Cum-pathos.

ctrl
indice

GESTALT E EMPATIA

Bobamente, alguns entendem que a empatia não é uma questão de Gestalt, da metodologia gestaltificativa. E, puristas, entendem que ela seria da esfera rogeriana. *E estamos conversados...* Bobos...

A empatia é a vivência do *pathos*, do modo pático de sermos. Que nada mais é que o modo ontológico de sermos, modo de sermos da sensibilidade emocionada, o modo emocionado de sermos, o modo ontológico de sermos.

Para compreendermos, é preciso superar a tremenda confusão em torno do conceito de *pathos*.

A palavra, e o conceito, de *pathos* têm duas raízes. Grega e Romana.

A raiz prevalecente em nossa cultura é a raiz Romana. Em que *pathos* tem a conotação de sofrimento, de doença, de *paixão*, num sentido doentio...

Esta não é a raiz original do termo *pathos*, e do conceito.

A raiz original da palavra e do conceito é grega. E, nesta *pathos* significa o modo ontológico de sermos, como *sensibilidade emocionada*. O modo de sermos dentre outros aspectos, da emoção. Porque o outro, o modo ôntico de sermos, não o é...

O *pathos* é o modo gestaltificativo de sermos.

Gestalt, a metodologia gestaltificativa, é favorecer, privilegiar, o episódio atual do modo *páthico* de sermos, o modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, o modo de sermos no qual se dá a ação, e a emoção.

O modo gestaltificativo de sermos é *páthico*, *empáthico*.

Dizemos *favorecer*, porque, se optamos por uma metodologia gestaltificativa, é preciso não o desfavorecer...

Favorecido, fazemos o restante, como a vivência *páthica*, a vivência fenomenológico existencial, a vivência da ação.

Despropositadamente, pré-reflexiva e pré-conceitualmente, fenomenológico existencialmente, de modo não pragmaticamente inútil. (Vale dizer, de modo criativo, superativo, regenerativo...).

O modo ontológico de sermos é gestaltificativo, *empático*, em primeiríssimo lugar, porque é criativo. *Gestaltificação* quer dizer *criação*.

Formas se constituem no seu episódio. Formas cognitivas, compreensivas, musculares, e materiais... E a vivência, como ação, desta *gestaltificação* se dá por implicação.

Como vivência de constituição de *plexos* (multiplicidade organizada, *plics*, em grego). É a vivência do desdobramento, da atualização, de possibilidades.

As possibilidades fluem sempre, constituindo *plexos* (*plics*, daí *implicação*), quando vivemos o episódio do modo ontológico de sermos.

Forças, vivência de forças, a vivência das possibilidades é a vivência de sua tensão, intencionalidade, e de seu fluxo. Fluxo em que elas competem e argumentam entre si, constituindo os *plexos*, sucessivamente.

Processo da implicação, que se constitui como a dramática do episódio da ação.

Na implicação da dramática do episódio da ação, na implicação, partimos de alguns *plexos* já constituídos. Forças, compostos de forças, as possibilidades, que se desdobram constituindo novos *plexos*. *Intensificação das intensidades na intencionalidade*.

Forças, as possibilidades, seus *plexos*, são em específico, *intencionais*. *Intensificação das intensidades na intencionalidade*. Depois do episódio da ação, estamos na *ex-tensão*, *extensionalidade*, porque *explicação*.

A vivência dos *plexos* originais se oferecem como projetos, que se desdobram -- intensificação das intensidades na intencionalidade -- atualizando suas forças, e objetivando o projeto original.

Que, da vivência ontológica, constitui a coisa. Dá a origem a sua instalação, enquanto tal. E enseja o surgimento de novos *plexos* de possibilidades...

Objetivado o processo vivenciado, originalmente, na dramática da ação, dá-se a conclusão, o fechamento da *gestalt*.

Deixando pronta a possibilidade da emergência de novos *plexos* (*gestaltem*), num novo episódio fenomenológico existencial da implicação. Da dramática fenomenológico existencial da ação. Numa nova e sucessiva recorrência do modo empático, *gestaltificativo*, de sermos. Recorrência do episódio da existência, da ação.

VOCÊ PODE EMPATIZAR COM UMA PEDRA...

*Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas
No degrau da porta de casa,
Graves como convêm a um deus e a um poeta,
E como se cada pedra
Fosse todo um universo
E fosse por isso um grande perigo para ela
Deixá-la cair no chão.*

(Poema do Menino Jesus. F Pessoa).

*O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...*

*E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial*

*Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...*

*Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...
O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...*

*Eu não tenho filosofia; tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem o que é amar...*

*Amar é a eterna inocência,
E a única inocência não pensar...
Alberto Caeiro, em "O Guardador de Rebanhos"
8-3-1914
(F.Pessoa).*

Não importa...

Empatia é dialógica.

Buber esclarece que o tu, da transação eu-tu, da dialógica, pode ser um tu da natureza não humana, um tu da esfera do humano, inter humano; ou um tu da esfera do sagrado...

Não importa se é uma pedra, uma árvore, ou uma paisagem...

Importa que não seja um objeto, alvo de conhecimento, e de utilidade...

O decisivo é que a inter ação, a ação, seja vivida no âmbito do modo ontológico de sermos, como ação, inter ação. Que haja confirmação, e reciprocidade...

Não obstrui a dialógica a condição de que uma pedra é uma pedra. Uma árvore seja uma árvore, uma paisagem uma paisagem, um cavalo um cavalo, um cachorro um cachorro... E de que, como tais, participam da dialógica...

E cabe não esperar que participem da dialógica como gente, se não o são, mas como o tu que são, e podem ser, em sua condição própria.

No encontro, que é a dialógica, é a alteridade característica, e a diferença do tu que participam e são compartilhadas, como esfera interativa de poiese, e de sentido. Se eu a confirmo, e sou a ela recíproco.

A confirmação e a reciprocidade requerem uma particular aproximação entre eu e tu, na esfera do entre, que significa um conhecimento do outro, na poiese de sua criação. Entendida como empatia.

Na poiética do encontro tudo é ação, tudo é inter ação, tudo compreensão, e criação.

Compartilhadas, como dialógica, e diapoiese. Com um tu que, enquanto tal, é sempre novo e desconhecido, e de produção compartilhada, em seus sentidos e possibilidades.

Um tu que na ação, na inter ação, não é objeto, na medida em que não somos sujeito, não é útil nem percebido.

Mas, especificamente, compreendido, na implicação. Inexplicável, enquanto tu.

